

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPGFIL
MESTRADO EM FILOSOFIA

HENRIQUE TORRES NETO

**DESAMPARO E ANGÚSTIA EM INIBIÇÕES,
SINTOMAS E ANGÚSTIA DE SIGMUND FREUD**

VITÓRIA
2011

HENRIQUE TORRES NETO

**DESAMPARO E ANGÚSTIA EM INIBIÇÕES,
SINTOMAS E ANGÚSTIA DE SIGMUND FREUD**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo-Ufes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Pereira do Carmo Murta.

VITÓRIA
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Torres Neto, Henrique, 1954-

T485N Desamparo e angústia em **inibições, sintomas e angústia** de
Sigmund Freud / Henrique Torres Neto. – 2011.

120 f.

Orientador: Cláudia Pereira do Carmo Murta.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Freud, Sigmond - Crítica e interpretação. 2. Desamparo. 3.
Angústia. 4. Afeto. I. Murta, Cláudia Pereira do Carmo. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

HENRIQUE TORRES NETO

**DESAMPARO E ANGÚSTIA EM INIBIÇÕES,
SINTOMAS E ANGÚSTIA DE SIGMUND FREUD**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo-Ufes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 16 de dezembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Cláudia Pereira do Carmo Murta

Orientadora

Prof. Dr. Fernando Mendes Pessoa

Prof. Dr. Geraldo Alberto Viana Murta

Para Inêz, André e João Henrique

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Cláudia Murta, pela orientação dedicada e competente, sempre presente na orientação rigorosa e também na palavra estimulante e encorajadora quando da construção do escrito.

Ao Cartel, que contou com a professora Cláudia na função de “mais um” e que teve a participação das colegas Anallu Guimarães e Elisa Martins, com quem partilhei discussões vibrantes e enriquecedoras.

Aos Professores Doutores: Fernando, Bernardo e Carla, pelas aulas magistrais no curso; a todos os colegas do Caps ilha, especialmente, Sônia, Geovana, Fernanda e Nicéia pelo apoio no percurso.

Aos meus filhos André e João Henrique, pelos momentos de ausência no convívio.

À minha mulher Inêz, pelo apoio incansável durante o trajeto, lendo, sugerindo, estimulando, corrigindo, discutindo, mas, sobretudo, sendo companheira todo o tempo.

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões.

Kierkegaard, **O Conceito de Angústia**

RESUMO

O presente trabalho procura investigar o tema da angústia a partir do pensamento de Sigmund Freud. Para isso, propõe-se a leitura de um texto fundamental do autor intitulado **Inibições, Sintomas e Angústia**, a partir do qual o tema da angústia tem sua compreensão enriquecida pela noção de *Desamparo* presente no texto. Angústia e Desamparo articulam-se assinalando uma situação de carência e de inconsistência irreduzíveis que marcam o psiquismo daquele que se humaniza na linguagem. Uma primeira teoria da angústia em Freud considera o aspecto econômico da libido transformada. Já a segunda teoria conta com os avanços da metapsicologia e com a importância que assume a noção de desamparo, vivência que inscreve no psiquismo uma falta radical que o processo de humanização impõe ao ser falante. Tanto a psicanálise quanto a filosofia consideram essencial a questão do encontro do homem com a angústia.

Palavras-chaves: desamparo, angústia, afeto

RÉSUMÉ

Ce travail est une recherche sur le thème de l'angoisse à partir de la pensée de Sigmund Freud. Pour cette recherche on propose la lecture d'un texte fondamental de l'auteur **Inhibition, Symptôme et Angoisse** à partir duquel la notion *D'abandon* présent dans le texte, enrichit la compréhension du thème de l'angoisse. L'angoisse et l'abandon s'articulent en signalant une situation de carence et d'inconsistance irréductibles, qui marquent le psychisme de celui qui s'humanise par le langage. Chez Freud une première théorie de l'angoisse considère l'aspect économique de la libido transformée.

Alors que la seconde théorie compte sur les avancées de la métapsychologie et sur l'importance assumée de la notion d'abandon, l'expérience qui inscrit dans le psychisme un manque radical que le processus d'humanisation impose à l'être parlant. Tant la psychanalyse que la philosophie considèrent comme essentielle la question de la rencontre de l'homme avec l'angoisse.

Mots-clés: d'abandon, l'angoisse, l'affection

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A PRIMEIRA TEORIA DA ANGÚSTIA: A ANGÚSTIA COMO LIBIDO TRANSFORMADA	21
1.1 A interpretação econômica da angústia	21
1.2 A pulsão e a sexualidade	30
1.3 A neurose de angústia e os limites da psicanálise	37
1.4 A segunda etapa da primeira teoria da angústia	42
2 A SEGUNDA TEORIA DA ANGÚSTIA: DESAMPARO E ANGÚSTIA	51
2.1 Angústia e metapsicologia	51
2.2 Angústia e desamparo	60
2.3 Angústia e fobia	71
3 A ANGÚSTIA COMO AFETO EXISTENCIAL: PSICANÁLISE E FILOSOFIA	81
3.1 Ciência, psicanálise e filosofia no texto de 1926, Inibições, Sintomas e Angústia	81
3.2 A angústia e o nada	96
CONCLUSÃO	106
NOTAS	115
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

A intervenção que propomos na leitura do texto **Inibições, Sintomas e Angústia**, de Sigmund Freud, redigido no ano de 1926, pretende demarcar a importância que o referido escrito representa nas formulações decisivas para o estudo da angústia. Após longa trajetória que atravessa textos iniciais e metapsicologia, a noção de angústia, tema central em psicanálise, foi ganhando corpo e enriquecimento temático ao longo de sua elaboração, recebendo seu contorno final e últimos acréscimos no escrito decisivo de 1926. Nessas últimas aquisições, o tema do desamparo (*Hilflosigkeit*) ganhou relevo como noção-chave nas elucidações que a natureza da angústia exige nesse momento de sua elaboração. Essa noção é retomada por Freud como elemento essencial no esforço de ampliar a racionalidade da noção de angústia.

Desde o **Projeto**, de 1895, em que pela primeira vez a noção de desamparo surge teorizada por Freud na seção intitulada “a experiência de satisfação”, passando pelos trabalhos metapsicológicos, até o texto canônico de 1926, o desamparo segue seu curso e demonstra ser uma importante reserva operatória conceitual que vai funcionar como alavanca na compreensão da natureza da angústia. O recém-nascido, por sua impotência e imaturidade psicomotora, vivencia o fenômeno do nascimento como situação de desamparo, quando se vê totalmente sem recurso diante das exigências de suas necessidades vitais e dependente do objeto que representa a proteção contra o perigo diante do desamparo do nascimento.

O desamparo constitui-se, dessa forma, o núcleo da situação de perigo. Em função da imaturidade e do desamparo, a angústia, presente no ato do nascimento, não pode ser assimilada como representação psíquica e integrada numa experiência. O que configuraria, certamente, uma experiência de separação que já conta com os recursos do psiquismo na suposição do mesmo apresentar alguma capacidade de representação da situação traumatizante. Com o psiquismo operando de alguma forma, o trauma cede seu impacto de força bruta aos recursos da elaboração. O que se apresenta, no entanto, como desamparo, assinala a fundamental ausência de recursos que essa vivência representa.

O que o recém-nascido vivencia, portanto, é uma situação traumática que se apresenta como ameaça e que sem a devida mediação psíquica é vivida no corpo enquanto angústia de destruição e morte. À medida que cresce a necessidade de uma definição mais metapsicológica da angústia, a noção de desamparo se torna mais importante, adquirindo valor crescente nas considerações de Freud. Ela ganha culminância em seu escrito **Inibições, Sintomas e Angústia**, de modo a contribuir na elucidação de impasses teórico-clínicos no movimento de construção da metapsicologia freudiana e nas formulações da teoria da angústia.

O desamparo torna-se uma noção fundamental na elaboração da segunda teoria da angústia em Freud, onde o autor redireciona o que vinha sendo pensado e sustentado de início na primeira teoria da angústia. A primeira teoria representou o conjunto de postulados que sustentou a posição inicial de Freud diante do problema da angústia. Essa posição pode ser expressa por meio do axioma que se baseia na afirmação de que a angústia deriva da libido represada. O impedimento do livre curso da libido, que pressiona por satisfação, explica o aparecimento da angústia, ou seja, a quantidade energética tem seu livre curso impedido, o que, segundo Freud,

responde pela produção da angústia. Impasses e dificuldades de toda ordem na vida sexual respondem, em última instância, pela produção desse estado afetivo. Abstinências e insatisfações no plano sexual explicam a libido represada que, no caso, vai alimentar a angústia, segundo essa concepção.

A mudança postulada com a segunda teoria não pode ser articulada, evidentemente, sem levar em consideração o contexto da segunda tópica, que dentre outras coisas, avança de modo significativo na teorização do ego, instância que Freud reivindica como a sede da angústia. Dessa forma, tornam-se imprescindíveis os aportes do livro **Além do princípio do prazer** (1920), em que a pulsão é revista e reformulada, funcionando como suporte teórico ao que vai ser pensado por Freud como base de sua segunda teoria da angústia. Nesse momento, a noção de desamparo assume importância fundamental na formulação da segunda teoria. O desamparo se torna mais importante no esclarecimento desse afeto e se configura, inteiramente, como uma causa fundamental da angústia, superando a demanda pulsional, que vinha sendo postulada por Freud como o perigo assinalado pela presença da angústia.

Portanto, angústia e desamparo são noções que se aproximam no estágio em que se encontra a elaboração da metapsicologia no escrito **Inibições, Sintomas e Angústia**, fundamental na consolidação da segunda teoria freudiana da angústia. A angústia originária do nascimento põe em relevo o estado de passividade do recém-nascido, que se vê impossibilitado de prover com seus próprios recursos suas necessidades mais fundamentais. Uma vivência aniquiladora, pois que não resulta em representação psíquica, em razão da imaturidade do recém-nascido. Em razão disso, essa vivência, intensamente experimentada, gera uma situação traumatizante. A esta situação Freud vai ligar, em **Inibições, Sintomas e Angústia**, uma angústia automática, que surge diante da situação de desamparo que se configura como

situação traumatizante. O tema merece dedicação e estudo por parte de Freud quando se debruça sobre a fragilidade e a indigência que configuram o desamparo do recém-nato, constituindo-se o evento, protótipo de todas as situações de perigo que se apresentam.

Por outro lado, a partir dos estudos sobre o ego e dos avanços trazidos pela segunda tópica, outra postulação surge como essencial na reformulação do lugar e da função da angústia. Pois bem, trata-se da angústia sinal, produzida pelo ego diante de uma situação que representa perigo, um elemento semiológico que assegura ao ego uma defesa contra a situação traumatizante, representada em última instância pelo desamparo e a angústia automática que decorre dele. A angústia sinal resulta de todas as elaborações construídas por Freud sobre a instância do ego na segunda tópica. Em razão disso, situada no ego, a angústia sinal funciona como advertência contra o perigo que tem no desamparo seu protótipo, sendo todo perigo resultante dessa condição originária que é o nascimento.

Podemos ver em Freud, então, a afirmação de dois princípios que dão contorno e sustentação a isso que ele vem pensando na formulação e explicitação da natureza da angústia. Para isso, temos que levar em conta, sem dúvida, a segunda tópica e suas investigações sobre o ego, instância que assume a função integradora da realidade psíquica diante das ameaças tanto internas quanto externas. O primeiro princípio baseou-se no deslocamento realizado por Freud ao tentar circunscrever a causa da angústia. Isso equivale a dizer que a motivação pulsional, até então o elemento ameaçador que respondia pela causa da angústia, foi atenuado e perdeu força nas considerações mais recentes de Freud. O perigo pulsional não responde mais prioritariamente pela angústia. O deslocamento se dá no sentido que vai do

acento colocado inicialmente no elemento pulsional, atribuído por Freud em um primeiro momento, até a ênfase atribuída nessa altura ao desamparo, que passa a figurar como fator principal ao qual se refere a angústia.

Para Freud, o estado de desamparo, portanto, é uma causa mais fundamental da angústia do que a demanda pulsional. É bem verdade que Freud não nega inteiramente a moção pulsional nessa questão, apenas diminuiu sua importância na geração da angústia. O imperativo da força pulsional se mantém, ainda que não responda exclusivamente pela angústia. O segundo princípio, essencial na sustentação da segunda teoria, situa o ego como lugar da angústia. O ego sente a angústia e também a produz no momento de erigir sua defesa contra a situação traumatizante. A angústia sinal representa uma pequena quantidade energética que alerta o ego para o perigo que surge, colocando o aparelho psíquico em risco de desequilíbrio. Esse dispositivo, a pequena monta energética que funciona como sinal, evita uma soma maior de angústia, que renderia ao ego um esforço redobrado na função reparadora mediante qualquer transtorno que ponha em risco o equilíbrio do sistema.

No interior da temática dos afetos em Freud, procuramos recuperar a angústia à luz da noção de desamparo. Para isso, levamos em consideração todo o esforço no sentido de situar o afeto e de pensar seu destino como um dos representantes psíquicos da pulsão, distinguindo-se do aspecto ideativo, ou seja, da representação propriamente dita. Na dinâmica do aparelho psíquico pensado por Freud, o recalque opera a separação entre o afeto e o representante da pulsão. Sem investimento, a ideia deixa de ameaçar o ego, que assegura momentaneamente sua integridade. A noção de desamparo veio ganhando importância na construção da metapsicologia

freudiana e assumindo, dessa forma, um importante elemento nas elucidações sobre a angústia.

O desamparo ganha em Freud considerações que conferem complexidade a essa noção, alcançando o patamar de um núcleo especulativo que abre possibilidades e questões fundamentais no encaminhamento da metapsicologia. A fragilidade inicial do recém-nascido, por sua insuficiência psicomotora e por sua imaturidade – que o coloca na condição de dependência para atender às necessidades mais fundamentais –, é vivida como situação de desamparo. Essa vivência marca, inteiramente, a estruturação e o funcionamento psíquico com uma vulnerabilidade que jamais será reparada. O desamparo ultrapassa em Freud a explicação puramente biológica que acompanha as contingências da situação de nascimento.

O desamparo marca, definitivamente, o próprio funcionamento do aparelho psíquico, conferindo a ele esse limite incontornável no que diz respeito à demanda da existência de garantias asseguradas no horizonte do psiquismo. No texto de 1926, Freud enuncia claramente o reflexo do desamparo biológico na vida mental, ele diz que “a ansiedade (*angst*) (1) é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (FREUD, 1976, 1926, p. 162), configurando dessa forma um contexto em que angústia e desamparo se articulam dando sustentação ao postulado freudiano de uma espécie de memória de tempos primitivos, de um desamparo pré-histórico que se inscreve como uma memória da humanidade.

E a angústia, dessa forma, é sempre evocativa do desamparo, como situação de perigo presente em todas as separações que ocorrem, assinalando a definitiva falta de garantias e de qualquer possibilidade de reparo que o desamparo evoca. Freud, sobre isso vai dizer que:

Em relação à situação traumática, na qual o paciente está desamparado, convergem perigos externos e internos, perigos reais e exigências instintuais. Quer o ego esteja sofrendo de uma dor que não pára ou experimentando um acúmulo de necessidades instintuais que não podem obter satisfação, a situação econômica é a mesma, e o desamparo motor do ego encontra expressão no desamparo psíquico. (FREUD, 1976, 1926, p. 193)

Na explicação metapsicológica da segunda teoria da angústia, o eu retira o investimento da pulsão, ou seja, do seu representante pulsional, que deverá ser recalçado, sendo essa energia responsável pela liberação de desprazer. Essa dinâmica põe em ação o princípio de prazer, que aciona, de alguma forma, o recalçamento. O que é levado em conta é o sinal de perigo para o ego (2), que deve responder com o recalque diante da ameaça interna, como instância responsável que é pela manutenção da integridade do aparelho psíquico. O afeto da angústia é então referido a uma situação de perigo.

Freud vai dizer em **Inibições, Sintomas e Angústia** que “Não podemos achar que a ansiedade (angst) tenha qualquer outra função, afora a de ser um sinal para a evitação de uma situação de perigo” (FREUD, 1976, 1926, p.162). A angústia, portanto, sinaliza a situação de perigo. Freud explica a situação da criança diante da mãe, dizendo que a ausência da mãe constitui o perigo; e logo que surge o perigo a criança dá o sinal de angústia. Dessa forma, a criança toma uma providência no sentido de garantir sua autopreservação, representando, ao mesmo tempo, diz Freud, uma transição do novo aparecimento automático e involuntário da angústia para a reprodução intencional da angústia como um sinal de perigo.

Nos dois casos, tanto no fenômeno automático quanto no sinal de salvação, a angústia constitui-se um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico (FREUD, 1926, 1976, p.162). Assim, o desamparo, que situa o recém-nascido em sua passividade e dependência como

fato biológico, demarca-se também como desamparo mental, inscrevendo no psiquismo os limites que essa vivência impõe como falta e carência incontornáveis.

Nesse ponto, em que temos a inoperância dos recursos subjetivos, a evasão dos significados de mundo, a presença de uma falta que não se preenche com tudo que o cuidado possa suprir, ponto que é evocativo de toda separação, reside a interrogação mais apropriada, nos parece, sobre a angústia como um afeto fundamental. A angústia não se constitui num ente a ser objetivado ao modo da ciência. O trabalho freudiano, construído nos marcos da ciência, exige, portanto, uma compreensão que não se reduz aos limites da ciência, o desamparo não é um fato puramente biológico. A indeterminação e a evasão de fundamentos nos levam, com relação à angústia, em direção àquilo que a ciência rejeita, ou seja, ao nada.

O desamparo permite a Freud tocar esse ponto de falta e de inconsistência, ele nomeia esse ponto chamando-o de perigo, assinalando uma ameaça que esse perigo representa e do qual a angústia é um sinal. O ponto demarcado por Freud indica um real que não pode ser todo alcançado pelos recursos da linguagem. Essa operação deixa resto, não há um saber que possa constituir-se como um saber no real, indicando uma via completa de acesso ao real. Essa via de um saber no real representa um positivismo que caracteriza a posição da ciência.

A indeterminação e a inconsistência que Freud aponta com a angústia anunciam um furo, uma falta, um nada que declara o real como irreduzível. Para as pretensões da ciência, essa irreduzibilidade só pode funcionar como uma perturbação à sua vocação. Esse nada, diretamente interessado na angústia, que também é uma perturbação por evocar a inconsistência, a ciência rejeita. O nada rejeitado é o mesmo que entra em consideração na leitura da angústia realizada por Freud e retomada por Lacan em sua releitura.

Esse nada é retomado por Jacques Lacan em seu seminário do ano de 1959-60, **A Ética da Psicanálise**, no qual ele fala do vazio do vaso, se aproximando de Heidegger em seu ensaio sobre **A Coisa** (1950), em que o pensador reflete sobre o vazio do pote. O filósofo vai dizer que: “É o vazio da jarra que determina todo tocar e apreender da pro-dução. O ser coisa do receptáculo não reside, de forma alguma, na matéria, de que consta, mas no vazio que recebe.” (HEIDEGGER, 2002, p.147). Com Heidegger, Lacan vai desenvolver a ideia da criação *ex nihilo*, a partir do nada. O oleiro cria o vaso em torno do vazio com sua mão, *ex nihilo*, a partir do furo. Ele fala de uma identidade entre a modelagem do significante e a introdução no real de uma hiância, de um furo. (LACAN, 1988, p.153)

Heidegger vai situar a angústia como disposição afetiva que manifesta o nada. Assim é que nas experiências das disposições fundamentais de nosso modo de ser temos acesso à compreensão do ser. A angústia não é um afeto que permite a via inteligível e reflexiva do mundo como algo a ser pensado, mas é um afeto que promove a abertura do mundo, como disposição afetiva e não como algo compreensível pela atitude reflexiva. Dessa forma, com a angústia, abre-se o horizonte de compreensão a partir da finitude, e essa compreensão permite uma abertura temporal que leva ao estabelecimento de possibilidades existenciais mais autênticas no mundo, para além da existência estabelecida através do modo impessoal cotidiano. A abertura que a angústia promove conduz a transcendência e é através dela que é possível estar além do ente. A revelação do nada, portanto, como abertura originária e marcada pelo sentimento do estranho, permite a margem de liberdade do homem escolher a si mesmo.

Os aportes a partir de Heidegger levam Lacan a falar do real como nada, o que vai dar suporte à afirmação sobre a angústia, no seminário de mesmo nome. Ele diz

que: “Do real, portanto, de uma forma irreduzível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal.” (LACAN, 2005, p.178). Lacan tematiza, portanto, a irreduzibilidade do real ao significante, da qual a angústia é o sinal. Angústia e desamparo não se reduzem no texto freudiano a mera contingência, a ser evitada ou corrigida, mas assinalam o furo que marca o próprio funcionamento do aparelho psíquico.

Dessa forma, visando a alcançar o texto de 1926, no qual angústia e desamparo são tratados de forma mais completa, ressaltando o destaque que a noção de desamparo assume na concepção da angústia, faz-se necessário seguir o roteiro que a noção de angústia percorre até o presente texto. Assim trataremos, em um primeiro capítulo, da primeira teoria da angústia, que se baseia, em um primeiro momento, nos textos iniciais de Freud e, num segundo momento, considera os escritos de metapsicologia. O segundo capítulo é dedicado à segunda teoria da angústia, em que o tema do desamparo assume importância maior e a postulação da angústia sinal se impõe como noção essencial na mudança de posição que Freud assume no tratamento da angústia. O terceiro capítulo procura situar a angústia como um afeto existencial, aproximando Psicanálise e Filosofia, procurando respeitar as diferenças e promover as aproximações fecundas que o diálogo de dois campos tão exigentes permite.

1 A PRIMEIRA TEORIA DA ANGÚSTIA: A ANGÚSTIA COMO LIBIDO TRANSFORMADA

O presente capítulo pretende acompanhar as principais linhas de força que dão sustentação à primeira teoria da angústia em Freud. O princípio orientador dessa teoria é a angústia como libido transformada, o que põe em relevo prioritariamente um princípio econômico, em que uma quantidade de energia encontra resistência no seu livre escoamento. A primeira teoria já vem inteiramente marcada pela importância que adquire a sexualidade na doutrina freudiana. A libido é a energia sexual que pressiona por satisfação, tendo seu curso interrompido pela presença do recalque. A sexualidade manifesta toda sorte de impasses e impedimentos tendo na figura do *coitus interruptus* o exemplo maior do tropeço da sexualidade. Dessa impossibilidade nasce a angústia na primeira teoria freudiana desse afeto.

1.1 A interpretação econômica da Angústia

O editor inglês James Strachey, em sua introdução a **Inibições, Sintomas e Angústia** revela que foi no curso da investigação das “neuroses atuais” que Freud, pela primeira vez, se defrontou com o problema da angústia. As primeiras observações sobre o tema, segundo Strachey, serão encontradas em seu primeiro artigo sobre a neurose de angústia (1895) e no memorando acerca do assunto que enviou a Fliess pouco depois, provavelmente no verão de 1894 (Rascunho E). Freud, nessa época, de acordo com Strachey, ainda se encontrava sob a influência

de seus estudos neurológicos. E, dessa forma, envolvido no esforço de expressar os dados da psicologia em termos fisiológicos.

O editor informa ainda que Freud, seguindo Fechner, aceitara como postulado fundamental o “princípio de constância”, que defendia a ideia de que havia uma tendência inerente ao sistema nervoso de reduzir, ou pelo menos de manter constante, o grau de excitação nele presente. A descoberta clínica de que em casos de neurose de angústia sempre era possível descobrir certa interferência com a descarga sexual, levou à conclusão natural de que a excitação acumulada escapava sob a forma transformada de ansiedade (*angst*). Freud considerou isso como um processo puramente físico sem quaisquer determinantes psicológicos. Strachey relata que:

Desde o início a ansiedade (*angst*) que ocorria em fobias ou em neuroses obsessivas levantava uma complicação, pois aqui a presença de fatos psicológicos não podia ser excluída. Mas no tocante ao surgimento da ansiedade (*angst*), a explicação continuava a mesma. (FREUD, 1976, 1926, p.96)

A primeira teoria da angústia cumpre duas etapas, sendo a primeira ligada ao estudo das neuroses de angústia, inicialmente, e, posteriormente, estendendo-se às psiconeuroses, em que a angústia alcança a esfera psíquica. Em suas primeiras abordagens, Freud situa a angústia como transformação da libido, tendo o fator econômico papel importante nessa postulação. No início, a angústia é pensada como aquilo que suscita uma vivência, um sentimento, diante de uma intensidade que demanda saída, escoamento, livre curso, manifestando-se na esfera física, como acontece na neurose de angústia. A angústia, no caso, apresenta-se dentro de um princípio econômico, como resultado do deslocamento da energia, como afeto essencialmente. Na conferência XXV de suas Conferências Introdutórias sobre psicanálise, importante texto intermediário entre os primeiros trabalhos sobre a

angústia e as últimas considerações do escrito de 1926, Freud fala desse aspecto econômico, do caráter de afeto da angústia, dizendo:

Acreditamos que, no caso do afeto da ansiedade (angst), sabemos qual é a vivência original que ele repete. Acreditamos ser no ato do nascimento que ocorre a combinação de sensações desprazíveis, impulsos de descarga e sensações corporais, a qual se tornou o protótipo dos efeitos de um perigo mortal, e que desde então tem sido repetida por nós como o estado de ansiedade. O enorme aumento de estimulação devido à interrupção da renovação do sangue (respiração interna) foi, na época, a causa da experiência da ansiedade; a primeira ansiedade foi assim uma ansiedade tóxica. O substantivo "Angst" -- "angustiae", "Enge", -- acentua a característica de limitação da respiração que então se achava presente em consequência da situação real, e é, agora, quase invariavelmente recriada no afeto. Do mesmo modo, reconhecemos como altamente significativo que esse primeiro estado de ansiedade surgiu quando da separação da mãe. (FREUD, 1976, 1916-17, p.462).

A primeira teoria da angústia freudiana mostra um homem acometido por um afeto, tentando lidar com a pressão da energia pulsional, que demanda satisfação, buscando vias de descarga que diminuam a tensão interna e obedecendo, obviamente, ao regime de homeostase que assegura o equilíbrio energético, ou seja, econômico, no aparelho psíquico regido pelo princípio de prazer-desprazer. No enunciado de Freud, que recolhemos acima, observamos a descrição do organismo afetado com suas manifestações físicas, corporais, mas essencialmente observamos a relação estrutural da angústia com a precariedade, com as separações e o desamparo do sujeito, configurando esse ambiente de vivência original que tem seu protótipo na separação da mãe. A angústia se apresenta, assim, muito mais como um afeto. Sobretudo, aparece como expressão de um desequilíbrio econômico no aparelho, tentando lidar com demandas de sentido sexual, que pressionam pela satisfação. O que se apresenta é muito mais um problema de tensão energética do que um problema existencial, que exige resposta na singularidade diante do desamparo que a existência promove.

Em seu artigo sobre a neurose de angústia, que consta dos primeiros escritos sobre o tema, Freud destaca as manifestações do corpo tomado pela angústia. Segundo ele, a angústia, que se apresenta latente no que concerne à consciência, está sempre emboscada no fundo. Ela pode, então, subitamente irromper pela consciência sem proceder de um encadeamento de ideias, provocando assim um ataque de angústia. (FREUD, 1976, 1895, p.111)

O que é levado em consideração no teor das ideias postuladas por Freud, no artigo citado sobre a neurose de angústia, é a presença de “um quantum de ansiedade (*angst*) em estado de livre flutuação”, que pode manifestar-se na consciência de forma direta, sem contar com a possibilidade de acesso à trilha das representações psíquicas. Isso equivale, diz Freud, ao encadeamento de ideias, o que confere maior capacidade de elaboração psíquica, transformando uma vivência bruta, imposta pela angústia enquanto soma energética, em uma experiência de algo que já conta com alguma inscrição no aparelho psíquico. A vivência se distingue da experiência porque é algo que se vive no imediato do corpo, sem que o vivido seja integrado numa experiência de vida. A experiência, diferente da vivência, integra o que é vivido na singularidade de cada um, e, com isso, somos, em última instância, o resultado de nossas experiências. (ROCHA, 2000, p.109)

Freud postula, então, nesse momento, o afeto da angústia como derivado da soma de excitação, de tensão. Uma excitação sexual acumulada, que na falta de elaboração psíquica adequada, reverte-se em pura descarga. O ataque de angústia pode se expressar apenas no sentimento de angústia, sem nenhuma ideia associada, ou então, diz Freud, acompanhado da interpretação que estiver mais à mão, tais como ideias de extinção da vida, ou de uma pancada, ou de uma ameaça

de loucura. Em sua descrição no texto, Freud relata de forma expressiva as manifestações corporais decorrentes dessa sequência de eventos. Ele diz que:

[...] o sentimento de ansiedade (angst) pode estar ligado ao distúrbio de uma ou mais funções corporais – tais como a respiração, a atividade cardíaca, a inervação vasomotora e a atividade glandular. Dessa combinação o paciente seleciona um ou outro fator em particular. Queixa-se de “espasmo do coração”, “dificuldade respiratória”, “inundações de suor”, “fome devoradora”, e coisas como essas; e, em sua descrição, o sentimento de ansiedade (angst) freqüentemente se recolhe ao fundo, ou é referido de modo bastante irreconhecível, tal como “sentir-se mal”, “não estar à vontade”, e assim por diante. (FREUD, 1976, 1895, p. 111)

Desdobra-se em Freud, dessa forma, a relação da angústia com o corpo. O corpo situado naturalmente como lugar de manifestação do afeto, como mostra o texto acima, no qual Freud é muito enfático ao detalhar as expressões corporais no enlace do afeto da angústia com o corpo. O que se depreende dessa relação diz respeito à impossibilidade de simbolização ou de representação, que muitas vezes o corpo pode apresentar quando afetado pela angústia. A dimensão somática, mostrando as alterações das funções corporais, se sobrepõe à dimensão psíquica, em que a simbolização confere maior capacidade de elaboração com possibilidade de significação psíquica através da ligação da excitação sexual ao representante.

O contexto, entretanto, do artigo sobre a neurose de angústia, sustenta um afeto que se inscreve no corpo com limitada capacidade de elaboração psíquica. Questão crucial que vem interrogar, de forma contundente, a construção da metapsicologia, na medida em que: “Por trás do afeto, suspeita-se, é a sombra do Corpo que vamos encontrar, tanto é verdade que o afeto, sob um dos seus aspectos, dá para a psique, avesso da vida representativa, e evoca por outro lado as potências do Corpo, verdadeiro desafio à metapsicologia.” (ASSOUN, 1996, p. 151)

Paul-Laurent Assoun postula o afeto, assim como o corpo, designando uma margem, que não deve ser esquecida, mas que não pode reivindicar o mesmo

estatuto da representação, que se encontra “no seio da ‘doutrina’ metapsicológica central” (Idem). A representação, desse modo, se situa inteiramente nos limites da metapsicologia. O afeto, situado como “margem”, tem seu lugar mais problemático a ser pensado na construção da doutrina psicanalítica. Observações interessantes que nos levam a pensar sobre isso que Freud investiga no escrito sobre a neurose de angústia, em que se apresenta, sobretudo, uma manifestação da angústia no corpo, com prejuízo no “encadeamento de ideias” e, naturalmente, na capacidade de representação e simbolização no trabalho de elaboração psíquica.

Não convém esquecer, entretanto, que a neurose de angústia é uma neurose atual, segundo a classificação usada por Freud nesse momento de suas pesquisas sobre as neuroses. As neuropsicoses de defesa constituem outra região nosográfica na investigação da etiologia sexual das neuroses, postulada por Freud nessa altura de sua construção teórica. As neuroses atuais, segundo Freud, encontram sua motivação não nos conflitos infantis, mas em situações atuais, transtornos da sexualidade no presente, e não em conflitos que remetem ao passado. Outra característica da neurose atual é o fato de sua manifestação situar-se, sobretudo, no domínio somático, o que a distingue das neuropsicoses de defesa, como a histeria e a neurose obsessiva nas quais prevalece o domínio psíquico. Assim, Freud relaciona entre as neuroses atuais, a neurose de angústia e a neurastenia, acrescentando depois também a hipocondria.

Este é, portanto, o contexto em que se encontrava Freud na época do seu estudo sobre a neurose de angústia. A causa sexual das neuroses, assim como a ausência de descarga da excitação sexual, são os princípios que funcionam como pilar de sustentação da primeira teoria da angústia. A origem da neurose, que se situa no presente, daí o termo neurose atual, e, por fim, a expressão somática da angústia,

situada no corpo, são os elementos em jogo que orientam Freud e configuram o contexto no qual se destacam sua teoria dos afetos e a pesquisa da angústia em suas primeiras considerações sobre o assunto.

Desse modo, encontram-se assim relacionados os principais elementos que compõem nesse momento o contexto em que se desenvolve o tema da angústia, quais sejam: as influências, a pesquisa das neuroses, a correspondência com Fliess, os estudos neurológicos e o fator sexual. O Freud neurologista ainda se encontra muito presente, no esforço, certamente, de marcar sua pesquisa com a originalidade que ele deseja imprimir com a busca incessante de princípios e fundamentação em direção à sua nova “psicologia”. No entanto, nesse momento, é óbvio, ele ainda não contava com grande parte de seu aparelhamento teórico-conceitual desenvolvido ao longo de seu percurso na construção da psicanálise. As noções mais elaboradas, que vão oferecer a possibilidade de um conhecimento detalhado da angústia, ainda aguardam desenvolvimento. A obra que promove uma “ruptura epistemológica”, o trabalho sobre os sonhos, que eleva a psicanálise ao estatuto de “ciência”, ainda não veio à luz; por outro lado, trabalhos absolutamente essenciais, como o **Projeto** de 1895, já estão presentes como base doutrinária consolidada.

Os escritos mais importantes do período inicial da primeira teoria da angústia filiam-se à ideia da transformação da tensão sexual acumulada em angústia. Essa angústia tem expressão no corpo, quando essa tensão não tem descarga por vias psíquicas. Esta é uma ideia diretora e representa o princípio que explica a angústia nas primeiras considerações freudianas sobre esse afeto. Assim, o **Rascunho E**, que consta dos documentos enviados a Fliess, de 1894; o artigo sobre **Obsessões e Fobias**, de 1895, e o escrito sobre a **Neurose de Angústia**, também de 1895, são os principais trabalhos em que se destacam os esforços de compreensão da

angústia que se manifesta na observação clínica das neuroses. Importante lembrar que o interesse pelas neuroses atuais – na consolidação da angústia manifesta no corpo, por impedimento de descarga por vias psíquicas – não antecede em Freud o interesse pela angústia como manifestação psíquica. Esse problema já estava colocado, sem dúvida, a partir do interesse na histeria e nas neuropsicoses de defesa.

Mas é o corpo, no contexto das neuroses atuais, que é visado e atingido pela angústia, desligada dos conflitos infantis por definição e tendo sua causa em eventos atuais. O conjunto de textos acima relacionados, nos quais o problema da angústia se faz presente, situa-se inteiramente dentro da perspectiva da investigação das neuroses. Desse modo, encontram-se incluídas nesses textos a histeria, a neurose obsessiva e as fobias, que perpassam os textos enquanto temas já presentes no horizonte freudiano, mesmo nos artigos de elucidação da angústia.

A neurose de angústia é uma neurose atual, mas é necessário esclarecer que, nesse momento da teorização freudiana, a questão das neuropsicoses de defesa já conta com um escrito da mesma época dos artigos sobre a angústia, em que são contempladas a histeria e a neurose obsessiva. Sem contar, naturalmente, que neurose e angústia se aproximam. Freud encontra necessidade de enfrentar a questão da angústia a partir da histeria. Dessa forma, neuroses atuais e neuropsicoses de defesa, uma inscrita no corpo e outra no psiquismo, em sua diferença se aproximam, mostrando aspectos que as neuroses assumem sob a pena de Freud.

Entretanto, como assinala Freud, a sintomatologia da histeria e da neurose de angústia apresentam muitos pontos em comum que ainda não foram considerados suficientemente. Ele vai dizer que: “Se se penetra o mecanismo das duas neuroses,

na medida do que tem sido possível descobrir até aqui, vêm à luz aspectos que sugerem que a neurose de angústia é realmente a contraparte somática da histeria.” (FREUD, 1976, 1895, p. 134). Desse modo, Freud opera no campo das neuroses, estabelecendo distinções no sentido de dar maior visibilidade às entidades clínicas. Ele também assinala as diferenças e destaca o que há em comum entre ambas. Assim sendo, é preciso fazer a separação entre a neurastenia e a neurose de angústia, assim como, desta última, distinguir a histeria.

Em seu **Rascunho E**, que faz parte dos documentos enviados a Fliess, Freud, em seu primeiro escrito importante sobre o tema da angústia, segue formulando as diferenças que vai estabelecendo no trabalho de isolar as categorias clínicas visando compreendê-las melhor. Desse modo, afirma que na neurose de angústia existe uma espécie de *conversão*, tal como existe conversão na histeria; contudo, na histeria, é a excitação *psíquica* que toma um caminho errado, exclusivamente em direção à área somática, ao passo que na neurose de angústia é uma tensão *física* que não consegue penetrar no âmbito psíquico. (FREUD, 1976, 1894, p. 269)

Assistimos, conforme o trabalho minucioso, ao esforço de identificação das entidades mórbidas, à massa de fenômenos que vai adquirindo forma, ganhando distinção, recebendo aportes na compreensão, sempre obedecendo ao propósito de conferir inteligibilidade às neuroses. O material bruto adquire contornos mais bem definidos nas mãos do artesão, que insiste sobre a matéria até que a mesma comece a ceder à forma buscada. Assim, as noções que ainda estão na forma larvar de esboços mal definidos vão se aproximando, no trabalho insistente, do conceito mais elaborado. Dessa forma, Freud insiste nas diferenças entre a histeria e a neurose de angústia, seguindo à procura incessante de clareza e entendimento. No texto em que investiga a neurose de angústia, ele diz que:

Na última como na primeira, constatamos uma *insuficiência psíquica, em consequência da qual surgem os processos somáticos anormais*. Também na última como na primeira, em vez de uma sobrecarga psíquica da excitação, ocorre um desvio dela no campo somático; a diferença é simplesmente que na neurose de angústia a excitação, em cujo deslocamento a neurose se expressa, é puramente somática (excitação sexual somática), enquanto na histeria é psíquica (provocada por um conflito). (FREUD, 1976, 1895, p. 134)

A angústia, no caso, tem sua expressão puramente somática, em função de uma insuficiência psíquica que Freud é categórico em assinalar em seu texto. Não há via psíquica pela qual a excitação possa inscrever-se na forma do conflito, entregue à elaboração e à possibilidade de outros destinos do afeto, que não seja exclusivamente a angústia manifesta no corpo, mas que possa contar com a plasticidade do psiquismo no manejo da pressão energética. Esta é, então, a questão básica da primeira teoria freudiana da angústia, a libido que é represada, e que em última instância se transforma em angústia. Assistimos, nesse momento da formalização freudiana, a uma leitura essencialmente econômica, em que é preciso lidar com o montante energético imposto pela energia pulsional. A pressão constante da pulsão sexual busca encontrar vias de descarga, com a finalidade de manter a homeostase do aparelho regido pelo princípio do prazer.

1.2 A pulsão e a sexualidade

Duas descobertas freudianas, que são pilares fundamentais da psicanálise, destacam-se nesse contexto da primeira teoria da angústia, em que a pressão energética é proeminente. A primeira refere-se à pulsão, conceito que não se confunde com o instinto, termo com o qual por vezes a pulsão é assimilada, inspirando um debate envolvendo psicanalistas e tradutores. De uso corrente na

língua alemã, o termo *trieb*, usado por Freud, assume a importância da força impulsionadora de todo psiquismo, tornando-se um *grundbegriff*, um conceito fundamental.

Luiz Hanns, em importante trabalho sobre a teoria pulsional em Freud, assinala a extensão que assume a noção de pulsão em psicanálise. Ele defende que a pulsão não é só uma questão teórica, mas também uma questão clínica diretamente relacionada ao conflito psíquico e à intervenção psicanalítica. O autor argumenta dizendo que pulsões, conflitos pulsionais e a intervenção psicanalítica são temas fundamentais que estão entrelaçados e a partir dos quais outras questões, tais como o “desejo”, a “angústia”, a “transferência” etc. irão se desenvolver. (HANNIS, 1999, p. 15)

A pulsão adquire o estatuto de conceito-limite entre o psíquico e o somático na concepção freudiana. A tradução de *trieb* por instinto, no texto freudiano, deu margem à interpretação do original conceito de pulsão por um modelo de comportamento adaptado, como fator inato de comportamento dos animais caracterizado por atividades elementares e automáticas, definição por excelência do que seja o instinto. O próprio texto de Freud pode conduzir a esse equívoco de tomar a pulsão por instinto, reduzindo a questão à biologia, quando ele formula a emergência do psíquico vinculada às necessidades do organismo.

O que é levado em conta no plano das necessidades é o objeto natural que vem responder à satisfação das necessidades vitais. A pulsão não responde a um objeto natural, tornando-se, dessa forma, irreduzível à saciedade da necessidade. A noção de apoio (*Anlehnung*) também induz, de certa forma, à leitura biológica da pulsão quando se refere à relação das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação, ou seja, o apoio das pulsões sexuais nas funções vitais. O

exemplo disso é o que Freud registrou como *experiência de satisfação*, sequência de acontecimentos que diz respeito à observação dos cuidados dispensados pelo adulto ao infans dependente, visando à satisfação de suas necessidades vitais.

Esta experiência remete ao desamparo original do ser humano, que em decorrência de sua fragilidade ao nascer vê-se sem recurso diante dos perigos representados pelo mundo externo e se situa como dependente daquele indivíduo responsável pelos seus cuidados. Sendo assim, um estado de necessidade, como a fome, cria uma tensão interna contra a qual o recém-nascido não tem como realizar a *ação específica* que elimine a tensão, como, no caso, a oferta do alimento que suprime a fome e reduz a tensão interna. A *experiência de satisfação* tem lugar quando se reduz a tensão; e a experiência fica, dessa forma, associada à imagem do objeto que proporcionou a satisfação. Freud descreve essa experiência argumentando que:

Um componente essencial desta experiência de satisfação é uma percepção particular (a de nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnemônica permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto a essa realização é uma via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a uma catexia completa da percepção. Nada nos impede de presumir que houve um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Dessa maneira, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção que se achava ligada com a satisfação da necessidade. (FREUD, 1972, 1900, p. 602)

A atividade psíquica encontra-se, então, como aponta Freud, apoiada na satisfação da necessidade, o que acentua a importância da manifestação orgânica e a tendência à interpretação que valoriza o elemento biológico em jogo. A pulsão, no entanto, situa-se em outro registro, não reduzindo seu objeto ao objeto da necessidade, como o alimento que reduz a tensão provocada pela fome. A pulsão,

respeitando a originalidade do conceito, guarda relação com a presença do semelhante não estritamente enquanto aquele que alimenta, levando em consideração o organismo e sua necessidade vital, mas aquele que fala, aquele que porta um dizer, marcando com a palavra o corpo daquele que recebe os cuidados, transcendendo o registro biológico do organismo. Essas considerações implicam necessariamente a relação das pulsões com a linguagem, que se apresenta como um registro, sem dúvida, mais apropriado para se pensar a pulsão do que o aludido argumento do corpo enquanto elemento vivo de necessidades orgânicas. Jacques Lacan aponta, em sua releitura de Freud, a importância da fala na constituição do sujeito:

Em meu relatório de Roma, procedi a uma nova aliança com o sentido da descoberta freudiana. O inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante. Isto marca bem que, com o termo sujeito – é por isso que o lembrei uma origem – não designamos o substrato vivo de que precisa o fenômeno subjetivo, nem qualquer espécie de substância,... (LACAN, 1979, p. 122)

A valorização da linguagem, já presente em Freud desde seu trabalho **Sobre a Afasia**, de 1891, encontra em Lacan, amparado nos avanços da linguística e no estruturalismo, um leitor que vai tomar a linguagem como dimensão fundamental a ser considerada na experiência psicanalítica. Ele se posiciona extraindo as consequências do texto freudiano, enquanto munido de aparelhamento conceitual capaz de fazer frente a isso que Freud depositou em seus escritos. O modelo biológico predominante, ofuscando a distinção necessária entre pulsão e instinto, ofereceu resistência a uma leitura que pudesse trabalhar mais na vertente da representação e da linguagem, no claro indicativo do texto freudiano. No empreendimento de uma desnaturalização realizada pela linguagem, o corpo ganha

estatuto simbólico, destacando-se do plano das necessidades vitais e de seu objeto natural de satisfação.

Em seu trabalho **Pulsão e Linguagem**, Ana Maria Rudge argumenta no sentido da relevância da linguagem em Freud e na releitura lacaniana. A autora pontua que:

Com a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan empreendeu uma retificação das concepções derivadas do modelo biológico, predominantes na psicanálise da época e representadas especialmente pelas ideias do inconsciente como sede dos instintos, das fases da libido culminando em um amor genital por um processo de maturação, assim como pela ênfase na adaptação do indivíduo ao meio social, concepções obscurecedoras do que há de mais vivo na experiência psicanalítica, a linguagem como estruturante de seu campo, o inconsciente e a sexualidade. (RUDGE, 1998, p.14)

Resgate fundamental, portanto, da autora situando inteiramente a linguagem como estruturante do inconsciente e da sexualidade, noções pilares do projeto freudiano recuperadas em sua relevância pela leitura lacaniana.

Outra grande descoberta que Freud passa a sustentar, mesmo sob críticas, diz respeito ao fator sexual na etiologia das neuroses. Nos textos iniciais sobre a angústia, citados acima, faz-se presente a afirmação freudiana da importância da sexualidade como fator causal. Em seu artigo sobre as neuroses de angústia, principal documento sobre a investigação da angústia nesse período, Freud relata claramente o papel central da sexualidade, dizendo:

Mas onde há fundamentos para considerar a neurose como *adquirida*, uma cuidadosa investigação dirigida nesse sentido revela que um conjunto de perturbações e influências da *vida sexual* são os fatores etiológicos operativos.
...Essa etiologia sexual da neurose de angústia pode ser demonstrada com tão esmagadora freqüência que me aventuro, *no âmbito deste pequeno artigo*, a desconsiderar aqueles casos onde a etiologia é duvidosa ou diferente. (FREUD, 1976, 1895, p.117)

Dessa forma, faz-se presente o imperativo sexual, aparecendo de forma impositiva na demanda pulsional. No caso das neuroses atuais, no exemplo considerado aqui, ou seja, a neurose de angústia, a força sexual pulsional desdobra-se no corpo,

apresentando manifestação somática. O dispositivo pensado por Freud como aparelho psíquico, uma espécie de máquina disposta a operar o processo de elaboração psíquica, não é acionado. A libido é transformada em angústia, estabelecendo uma conexão direta com o corpo, sem uma instância intermediária com mais recursos simbólicos, que venha introduzir a complexidade do conflito e o sintoma como solução de compromisso, como é o caso das neuropsicoses.

A tensão sexual somática é impedida de chegar à esfera psíquica, diz Freud, por tudo que interfere no exercício psíquico dela. O “exercício psíquico”, no caso, põe em jogo a importante questão da elaboração psíquica, presente nas neuropsicoses e ausente nas neuroses atuais, razão de sua expressão somática na via direta do corpo. Levando-se em consideração que as neuropsicoses – em que o “exercício psíquico” se desenrola nas vias do aparelho psíquico – já se constituem tema da pesquisa psicanalítica concomitante à investigação das neuroses de angústia, uma questão se impõe: como pensar o que significa essa “elaboração psíquica”, e como pensar, ademais, uma vivência totalmente desconectada dessa possibilidade, como pressão energética vivida inteiramente sobre o corpo?

Com todas as considerações encaminhadas, torna-se, entretanto, importante destacar, em prol de uma leitura mais condizente com todo o projeto freudiano, que a quantidade energética, tão relevante na primeira teoria da angústia, adquire uma importante precisão quando a excitação passa a ser nomeada libido. O termo ganha mais precisão a partir dos **Três Ensaio sobre a sexualidade**, de 1905, em que Freud conceitua a libido, dizendo ser “uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual.” (FREUD, 1972, 1905, p.223)

O termo empregado no início, excitação somática ou excitação sexual somática, cede lugar ao termo empregado para dar nome àquilo que de sexual marca essa excitação, ou seja, a libido. Sendo assim, “a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo da libido sexual, ou *desejo psíquico...*” (FREUD, 1976, 1895 p.126), observa Freud já em 1895; remanejamento que preserva a experiência freudiana da inclusão de uma pura e simples energia somática, corporal, contrariando frontalmente opiniões e descobertas que divergiam essencialmente daquelas, e que se baseiam em considerações biológicas.

O que se sobressai, entretanto, é a nomeação dessa excitação de caráter sexual e sua vinculação à esfera do desejo. Nesse sentido, a angústia é, portanto, transformação da libido e não da excitação somática assim considerada. O “mundo freudiano” abriga o desejo, que por sua vez o marca em sua especificidade, sendo a vertente da primazia do desejo o lugar onde se descortina a experiência da psicanálise. Lacan resgata essa passagem, fazendo valer a letra de Freud no que concerne ao campo do desejo. Ele vai dizer que a experiência freudiana

começa por estabelecer um mundo do desejo. Ela o estabelece antes de toda e qualquer espécie de experiência, antes de qualquer consideração sobre o mundo das aparências e o mundo das essências. O desejo é instituído no interior do mundo freudiano onde nossa experiência se desenrola, ele o constitui, [...] O mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal. (LACAN, 1985, p. 280)

1.3 A neurose de angústia e os limites da psicanálise

O sentimento de angústia – sem nenhuma ideia associada, traduzindo-se como sentimento de angústia ligado ao distúrbio de uma função corporal – evoca o sofrimento somático restrito, sem a possibilidade de remeter a cadeias associativas, demonstrando uma grande indigência simbólica na carência da ideia associada. Dessa forma, compreende-se a inclusão da hipocondria entre as neuroses atuais, representando a figura por excelência do corpo afetado repetitivamente, exibindo de forma reiterada o sofrimento do corpo sem o apanágio do psiquismo em operar outras vicissitudes associativas diante da monotonia somática repetitiva. De modo que o afeto também é monótono, atesta Freud, quando afirma que

esse afeto tem sempre o mesmo matiz, que é o da ansiedade (angst); e o afeto não se origina de uma ideia reprimida (recalcada), mas mostra não ser posteriormente redutível pela análise psicológica, nem equacionável pela psicoterapia. (FREUD, 1976, 1895, p. 114)

Freud procura tocar esse ponto nevrálgico, enigmático, mas essencial à compreensão da angústia. O homem freudiano é um ser que se mostra acossado inapelavelmente por uma quantidade imperativa que o afeta de forma bruta, que o solicita enquanto corpo. Uma “margem” que funciona nos limites da representação, como ponto-de-basta ao trabalho associativo da mecânica em função do aparelho psíquico. Forçosamente, nos encontramos diante de uma questão nodal da interrogação freudiana, quando esta aponta para os limites da psicanálise diante desse afeto não redutível ao âmbito de uma psicoterapia. O trabalho terapêutico, obviamente, conta com o “ciframento”, ou seja, algo depositado em forma de letras a serem lidas no trabalho psicoterapêutico, suposto na dinâmica do conflito e na solução de compromisso representada pelo sintoma.

O deciframento, que supõe a psicoterapia, permite a leitura dos conteúdos ligados às representações, que se movimentam no interior do aparelho psíquico. Assim é que, os sintomas das neuroses atuais – como pressão intracraniana, sensações de dor, estado de irritação em um órgão, enfraquecimento ou inibição de uma função – não têm nenhum sentido, nenhum significado psíquico, esclarece Freud, falando justamente do limite imposto por esses fenômenos à própria psicanálise. Em sua Conferência Introdutória que versa sobre o estado neurótico comum, ele vai debater um pouco mais sobre esse limite à psicanálise representado pelo problema das neuroses atuais:

Os problemas das neuroses “atuais”, cujos sintomas provavelmente são gerados por uma lesão tóxica direta, não oferecem à psicanálise qualquer ponto de ataque. Ela pouco pode fazer para esclarecê-los e deve deixar a tarefa para a pesquisa biológico-médica [...] Para mim, era mais importante os senhores formarem uma ideia sobre a psicanálise, do que obterem algum conhecimento das neuroses; e, por essa razão, as neuroses “atuais”, improdutivas no que concerne à psicanálise, não podiam mais ocupar um lugar em primeiro plano. (FREUD, 1976, 1917, p. 453)

Freud descreve, dessa forma, a incompatibilidade entre neuroses atuais e a matéria que interessa mais especificamente a psicanálise. Aqui ele fala de “lesão tóxica direta”, implicada diretamente na causalidade dessa neurose e que interessa, sobretudo, à “pesquisa biológico-médica”; assunto pertencente a outro universo de pesquisa distinto da investigação psicanalítica. O que interessa à psicanálise, propriamente, é o que pode ser elaborado, a matéria que, desse modo, é marcada pela elaboração psíquica: um trabalho realizado pelo aparelho psíquico ligando as representações de modo mais simples, em menor complexidade, ou de maneira mais complexa, incluindo relações entre grupos de representação, formando redes com maior ordenação e trabalho mais elaborado.

Assim, o trabalho do sonho ou o trabalho de luto, expressões que fazem alusão à elaboração do sonho e do luto, são exemplos de realidades que se sustentam na capacidade do psiquismo acionar seus dispositivos e operar o trabalho de elaboração.

Assim acontece com o trabalho do sonho (*Traumarbeit*), que é a essência mesma do sonho, e com o trabalho de luto (*Trauerarbeit*), sem o qual o sofrimento da perda de objeto, que provoca o luto, se transforma em melancolia. Isto também acontece no enquadramento analítico, naquilo que Freud denomina de *Durcharbeitung* (perlaboração), trabalho indispensável, sem o qual a análise não pode atingir seu objetivo. (ROCHA, 2000, p. 53)

Portanto, o trabalho de elaboração é essencial tanto ao desempenho do aparelho psíquico, quando aciona as representações, quanto ao próprio tratamento psicanalítico, que envolve o laborioso processo que representa uma análise, pondo em movimento a conhecida tríade freudiana de recordar, repetir e elaborar – que responde pela dinâmica do trabalho analítico.

Nos primeiros estudos sobre a angústia, como pudemos ver, Freud trabalha inteiramente envolvido com a questão das neuroses, procurando afirmar sua etiologia e lançar luz sobre sua dinâmica. Ele vai afirmar categoricamente a etiologia sexual das neuroses, defendendo seu ponto de vista muito questionado por autores de sua época. Freud busca demonstrar na sua clínica a presença de transtornos na esfera sexual, confirmando suas hipóteses. Os escritos dessa época são a prova cabal da obsessiva questão freudiana com a sexualidade. De sua pequena nosologia da época – que consta das neuropsicoses, ou seja, a histeria e a neurose obsessiva – e das neuroses atuais – representadas pela neurastenia, pela neurose de angústia e pela hipocondria –, todas têm a sexualidade como etiologia.

As neuropsicoses de defesa, cujos sintomas são a expressão simbólica de um conflito infantil, incluem-se na possibilidade de elaboração psíquica e podem ser,

naturalmente, passíveis de análise. As neuroses atuais, em que Freud pesquisa a angústia nos primeiros escritos, constituem um campo no qual deve ser distinguida, entre as funções mentais, alguma coisa que ele nos diz ser uma quota de afeto ou soma de excitação; o que apresenta as características de uma quantidade capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das ideias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo. (FREUD, 1976, 1894, p. 73)

Podemos verificar, de certa forma, o montante energético que demonstra opacidade ao sentido, uma topada na via de possibilidades de elaboração que o aparelho psíquico engendra enquanto dispositivo que trabalha na perspectiva de simbolização e atribuição de sentido. O que se apresenta é uma energia que não se reduz ao sentido, um limite imposto ao deciframento e à interpretação como instrumentos do dispositivo analítico formulado por Freud ao criar a psicanálise. Ele se depara com um ponto de não saber, instaurado por essa energia que não se escoia e que reside no corpo marcado pelo sexo. Trata-se da angústia, portanto, derivando do sexo que é represado. Freud é pródigo em todo tipo de exemplos nos quais os impasses da sexualidade são a razão da angústia.

Ele enumera os casos em que os impedimentos se tornam frequentes: a angústia em pessoas virgens, a abstinência das mulheres e dos homens, os homens impotentes que não satisfazem as mulheres, aqueles que abandonaram a masturbação sem substituí-la pelo coito. A abstinência é comum a todos esses casos, e o *coitus interruptus* se torna a figura expressiva e o exemplo mais emblemático desse impedimento que sofre a sexualidade em sua plena expressão. Em última instância, interpõe-se um obstáculo ao saber que se articula no trabalho de elaboração psíquica ligando as representações, assim como ao saber da

psicanálise, de acordo com os limites reconhecidos pelo próprio Freud quando trata da questão das neuroses atuais, situada nos limites da psicanálise e que ele endereça a outro campo de saber.

Aqui se encontra em jogo incontestavelmente um ponto de não saber, enigmático enquanto não cede ao sentido, e que invoca, talvez, outro tipo de saber, não alinhado ao saber médico, vigente no contexto em que Freud trabalha nesse momento de suas investigações. Esse saber, formulado por Freud, certamente terá que considerar esse resto energético irreduzível que se traduz como angústia, mostrando um aspecto refratário ao trabalho psíquico. Vemos, portanto, por um lado, o que se refere às representações, ao trabalho de elaboração psíquica, às cadeias de significação, aos afetos com outros destinos além da angústia, enfim, tudo que foi organizado em torno das neuropsicoses; e, por outro lado, algo que se expressa no plano físico, não ligado psiquicamente, manifesto na dimensão corporal.

Freud faz pensar o sofrimento corporal sem sentido, a angústia traduzindo-se em uma linguagem restrita do corpo que não remete a outras possibilidades de sentido, senão que conduz a algo de expressão puramente somática no corpo biológico, por falta de mediação simbólica. Se Freud situa nos limites da psicanálise as neuroses atuais, por um defeito na capacidade simbólica, o mesmo não podemos dizer certamente da angústia, que aí se inscreve no vazio simbólico e que se encontra, inteiramente, dentro das considerações da prática analítica. A angústia, portanto, assinala o irreduzível da pulsão, como demanda que se destaca no excesso energético que se traduz como irrepresentável, obviamente apontando os limites da representação diante desse afeto desligado.

1.4 A segunda etapa da primeira teoria da angústia

Uma segunda etapa da primeira teoria da angústia inclui os textos de metapsicologia, nos quais Freud defende e acrescenta fundamentação à noção de inconsciente, argumentando a favor dessa instância que ele reivindica como necessária à explicação de inúmeras manifestações que a consciência não alcança. O recalque é outra noção que, do ponto de vista metapsicológico, torna-se fundamental, recebendo tratamento adequado à importância que tem na doutrina psicanalítica e no encaminhamento da questão da angústia. A razão freudiana postula, ainda, nesse momento, o recalque como evento anterior à angústia, defendendo o axioma da libido represada. Temos, portanto, motivo e razão mais que suficientes para sustentar a expectativa do esclarecimento do mecanismo do recalque enquanto peça-chave na compreensão da natureza da angústia. Dessa forma, Freud dedica a cada um dos temas – o inconsciente e o recalque – um escrito metapsicológico. No escrito sobre o inconsciente ele vai dizer o que justifica afirmar a existência do inconsciente. Ele argumenta dizendo:

Nosso direito de supor a existência de um psiquismo inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa suposição tem sido contestado por muitos. Podemos responder que a suposição do inconsciente é *necessária e legítima* e que dispomos de numerosas *provas* de sua existência. Ela é necessária, porque os dados da consciência têm muitas lacunas. Tanto em pessoas sadias quanto em doentes ocorrem com freqüência atos psíquicos que, para serem explicados, pressupõem a existência de outros atos para os quais, no entanto, a consciência não fornece evidências. (FREUD, 1976, 1915, p. 19)

Freud vai delineando seu campo, fomentando sua pesquisa, criando as condições epistemológicas do nascimento da psicanálise, mas, sobretudo, impondo a verve obstinada de um pesquisador resoluto, decidido. Na afirmação da legitimidade e necessidade da noção de inconsciente assistimos à presença do autor lutando na

sustentação de suas convicções. Ele recorre a nossa experiência cotidiana mais pessoal para afirmar, de forma convicta, que todos nós entramos em contato com ideias que nos ocorrem súbita e espontaneamente, e cuja origem desconhecemos. Também isso acontece com produtos de pensamento cujo processo de elaboração nos permanece oculto. Dessa forma, assume a defesa intransigente do inconsciente enquanto noção fundante e pressuposto necessário da psicanálise. Construção epistemológica e convicção ética se aliam no espírito do autor, no enfrentamento das questões que exigem insistência e disposição de não ceder às soluções fáceis e encobridoras.

O inconsciente freudiano, a despeito de sua posição enquanto conceito fundamental, que exige formalização, demonstração e rigor “científico”, requisita, sobretudo, engajamento ético na prática psicanalítica. Os psicanalistas comprometidos com a leitura do texto freudiano procuram demarcar com todas as suas consequências a noção de inconsciente. A leitura realizada por Christiane Lacôte-Destribats responde a esse propósito de ressaltar o caráter irreduzível do inconsciente freudiano. Em seu trabalho, **O inconsciente, uma exposição para compreender, um ensaio para refletir**, a autora sustenta que o inconsciente é o campo inventado pela psicanálise, não se parecendo, segundo ela, absolutamente com o que os adivinhos antigos, os poetas e os filósofos puderam descrever; o não-conhecido, o não-sabido, o não-consciente (LACÔTE-DESTRIBATS, 2007, p. 9). Ele é apenas o resto, abandonado ou exaltado, da idealização de uma consciência transparente. Ela propõe a descoberta do inconsciente como a invenção de uma nova relação com o outro, e argumenta dizendo:

Se Freud inventou, o que é a nossa tese, o conceito de inconsciente – a partir do que leitores e discípulos se apressaram em se interessar apenas pelo referente dessa palavra, deixando-a existir como uma realidade independente do procedimento que construiu esse conceito --, é ao inventar

uma outra maneira de relação com o outro. E se seguimos passo a passo os inícios dessa invenção, é para evitar um erro teórico que nos faria descrever, a propósito do inconsciente, uma realidade psíquica que cada um levaria em si, uma propriedade da alma, muito antiga, redescoberta e explorada nos tratamentos. (LACÔTE-DESTRIBATS, 2007, p. 21)

A autora aponta o erro, a ser evitado, quando se toma o inconsciente como uma realidade independente do procedimento que construiu esse conceito. O método não se separa do objeto, se isso acontece o risco é a essencialização ou a coisificação do inconsciente. Ora, vai dizer a autora, “o inconsciente é seu próprio achado, e manter este fio é em si mesmo uma ética” (LACÔTE-DESTRIBATS, 2007, p. 13). Portanto, nessa etapa, em que o inconsciente recebe tratamento metapsicológico, a angústia é conduzida prioritariamente através de sua manifestação psíquica. A elaboração psíquica, ausente nas neuroses atuais, é considerada em primeira mão nos textos de teor mais metapsicológico. Enquanto a neurose de angústia exibia um afeto não ligado e não simbolizado, por causa da libido represada, em decorrência das contingências sexuais, a neuropsicose caracteriza-se pelo afeto ligado e pelo trabalho de elaboração psíquica.

Nesse momento, portanto, entram em consideração trabalhos mais metapsicológicos, contando já Freud com noções que alcançam patamares conceituais mais elevados em função de acréscimos obtidos no estudo das neuroses. Destaca-se, nessa fase, o trabalho metapsicológico sobre **O Recalque** (1915), artigo elucidativo na abordagem da angústia, relacionada agora mais intimamente com as neuropsicoses de defesa, ganhando com isso manifestação, sobretudo, no domínio psíquico. A angústia manifesta a incidência do recalque no conflito neurótico e acompanha o sofrimento nos distúrbios das neuropsicoses, como as somatizações e conversões histéricas e o sofrimento dilacerante dos rituais obsessivos. Freud já dispõe também, a essa altura, de avanços e melhor sistematização da primeira tópica e da teoria das pulsões.

Nas considerações sobre o recalque, investigadas no escrito de mesmo nome, Freud tenta situar o outro elemento que também representa a pulsão, no caso, o

afeto, e cujo recalque tem destino diferente do recalque da representação. Ele vai dizer que, para esse outro elemento do representante psíquico, tem sido adotada a designação de *quantidade de afeto*; e que essa quantidade “corresponde à pulsão, na medida em que se desprende da representação e encontra expressão, de acordo com a sua magnitude, em processos que se fazem perceber a sensação na forma de afetos.” (FREUD, 2004, 1915, p.182)

O problema a ser equacionado, evidentemente, diz respeito aos lugares que ocupam o afeto e a representação, como dois aspectos do representante psíquico da pulsão: o aspecto ideativo e o aspecto afetivo. Dois termos em Freud são usados para expressar o aspecto ideativo, ou representativo. Ele utiliza *Vorstellung* e *Repräsentanz* que se equivalem para significar a representação, utiliza também, às vezes, o termo *Repräsentant*, que, junto ao termo *Repräsentanz*, forma uma só palavra para expressar a pulsão no registro da representação. Para o afeto, a expressão em alemão corresponde a *Affektbetrag*, sendo a expressão *Affektbetrag des Repräsentanz* a cota de afeto do representante psíquico da pulsão. (ROCHA, 2000, p. 74)

O estudo do recalque também esclarece os três destinos assumidos pelo fator quantitativo do representante pulsional, quais sejam: pode ser totalmente reprimido (*unterdrückt*), ou surgir como afeto com determinado colorido qualitativo, ou ainda ser transformado em angústia (*Angst*). Freud chama atenção para a “transformação das energias psíquicas das pulsões em afetos e, em especial, sua transformação em angústia (*Angst*)” (FREUD, 2004, 1915, p.183). Ele assinala que o destino da quantidade de afeto do representante é mais importante que o destino da representação. Essa avaliação é feita quando considera as coisas no sentido de constituir um dispositivo de avaliação para a eficácia do recalque: se o recalque foi

bem-sucedido, evitando o aparecimento de sensações de desprazer ou de angústia – e com isso escapa de nosso alcance –, ou se seu fracasso é sinalizado com a presença do afeto manifestamente. O trabalho sobre o recalque mostra, na pesquisa psicanalítica empreendida por Freud, o esforço de situar e de explicar a angústia no interior de sua metapsicologia.

No acervo teórico que vai orientar esse segundo momento da primeira teoria da angústia, contamos com os textos iniciais sobre as neuropsicoses de defesa, os referidos textos de metapsicologia sobre o inconsciente e o recalque, e a importante conferência introdutória sobre psicanálise. Esta conferência, a vigésima quinta do conjunto, intitulada **A Angústia** (1916-17), resume tudo que Freud estudou sobre o tema até o momento, constituindo sua mais completa abordagem do assunto quando foi proferida em 1916. Neste texto, Freud apresenta o problema invocando uma vivência universal do ser humano. Ele argumenta, dizendo:

A ansiedade (angst), como tal, não há porque apresentá-la aos senhores. Cada um de nós experimentou essa sensação, ou, para expressar com maior correção, esse estado afetivo, numa ou noutra época, por nossa própria conta. Penso, porém, que jamais com seriedade suficiente levantou-se a questão de saber por que os neuróticos, em particular, sofrem de ansiedade (angst) tanto mais e tão mais intensamente do que outras pessoas. (FREUD, 1976, 1916-17, p. 428)

Freud reconhece a sensação da angústia enquanto vivência comum de cada um de nós, já sentida na vida cotidiana e incorporada no repertório de sensações e sentimentos que afetam todos nós; quanto a isso, obviamente, não é necessária qualquer apresentação. O aspecto que pode ser considerado na presença dessa vivência de alcance universal é a sua difícil tradução em palavras, ou seja, a transposição da experiência inefável para o plano do discurso. Isso, evidentemente, em função da natureza do sentimento que se apresenta, cortando a fala, impedindo

a expressão, estreitando a comunicação – sentidos que remetem à própria etimologia da palavra angústia.

No latim temos o radical *Ang*, do qual derivam os termos *angor*, que tem o sentido de opressão, *angustus*, que significa estreito, apertado e *anguste* – que pode ser vertido para concisamente. Portanto, assistimos, na presença da angústia, ao estreitamento do campo de possibilidades simbólicas, à dificuldade de inscrever essa vivência e de promover sua transposição para o plano da palavra e do discurso. Esse aspecto, evidentemente, remete à falta de elaboração psíquica assinalada por Freud no caso das neuroses atuais, sobretudo nos seus estudos sobre a neurose de angústia, em que o afeto assume manifestação prioritariamente somática, desdobrando-se sobre o corpo – como temos reiterado no curso da exposição.

Outra interrogação, que se impõe a Freud como questão crucial, e que se encontra legitimamente no âmbito psicanalítico, pertencendo incontestavelmente ao seu campo de pesquisa, é sua pergunta pela angústia nas neuroses: Por que se angustiam tanto os neuróticos? Jamais a questão foi levantada com seriedade suficiente, e isso é uma questão de saber, argumenta Freud, criando as condições de possibilidade da psicanálise. Desse modo, as neuroses constituem-se como matéria por excelência na qual vai operar essa região que Freud se esforça por delimitar – enquanto campo epistemológico – como conhecimento articulado que constitui um saber. Ou seja, a questão das neuroses – que encontra o limite do saber médico, interrogando a fundo sua estrutura e desafiando sua eficácia e competência – exige que se crie um saber inédito fundado em outros parâmetros, diferente do quadro atual que organiza o conhecimento vigente.

O que Freud enuncia diante de seu público leigo diz respeito à procura de fundamentos que vão embasar sua “ciência”, nascida da força persuasiva de sua palavra. Ele, diante de sua assistência interessada, se sabe o portador de algo tão inquietante que é capaz de tirar o sono da humanidade. Não diz isso ao modo do oráculo, que enuncia seu saber de modo enigmático, mas age como o cientista que explicita sua descoberta, detalhada e pacientemente. As conferências introdutórias se destinam a essa modalidade de transmissão construída na interlocução com seu público leigo, vertendo em linguagem comum, o tanto quanto possível, seus conceitos em processo de elaboração.

Essa conferência, documento de suma importância no estudo em curso da angústia, resume o que Freud reuniu sobre o tema, desde os escritos iniciais até o momento em que proferiu a conferência. Ela contempla as aquisições metapsicológicas do estudo do inconsciente e do mecanismo do recalque e incorpora em seu conteúdo as formulações sobre as psiconeuroses. Com essas considerações, portanto, o registro da angústia se modifica, passando da angústia manifesta no corpo para a angústia no registro psíquico. Freud, a partir da análise das psiconeuroses, em especial a histeria, observa que a angústia, frequentemente, aparece junto com os sintomas, sem deixar de ressaltar o surgimento da angústia desvinculada, manifesta em forma de ataque ou condição crônica. O autor assinala, sobretudo, que se a situação a partir da qual surgiu a angústia é submetida à análise, observamos que o curso normal dos eventos psíquicos deixou de ocorrer e foi substituído por fenômenos de angústia. Freud, portanto, seguindo a linha de argumentação, vai dizer que:

... esse afeto que acompanha o curso normal dos acontecimentos, seja qual for sua qualidade própria, invariavelmente é substituído por ansiedade (angst), após a incidência da repressão (recalque). Assim quando temos diante de nós um estado de ansiedade (angst) histórico, seu

correspondente inconsciente pode ser um impulso de características semelhantes – ansiedade (*angst*), vergonha, embaraço – ou, com a mesma facilidade, uma definida excitação libidinal ou agressiva, hostil, como raiva ou irritação. Portanto, a ansiedade (*angst*) constitui moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito a repressão (recalque). (FREUD, 1976, 1916-17, p. 470)

A angústia, nesse momento, vai ser tomada no registro da vida psíquica, ganhando, naturalmente, em elaboração psíquica e deslocando o interesse para o estudo das neuropsicoses de defesa. Com melhor aparelhamento conceitual, a angústia é melhor articulada à questão das neuroses que ganham, com isso, melhor compreensão. Dessa forma, Freud concebe um perigo pulsional (*triebgefahr*) contra o qual se instala o mecanismo do recalque. É contra esse perigo interno, que não oferece possibilidade de fuga, que o ego constrói sua defesa diante da moção pulsional ameaçadora. O recalque incide separando a representação do afeto como uma forma de desarticular o perigo pulsional interno. O representante afetivo da pulsão introduz o problema da angústia. Mesmo à luz de toda consideração metapsicológica, a ideia diretora da primeira teoria da angústia se mantém: a angústia é posterior ao recalque, o que equivale a dizer que o recalque, no caso, é a causa da angústia.

Se a angústia aparece acompanhando o sintoma, como vemos acontecer na histeria, o mesmo não se dá em pacientes que sofrem de atos obsessivos, que parecem livres da angústia na sua formação sintomática. A angústia sobrevém, no entanto, com o impedimento ou tentativa de abandono da compulsão, de onde decorre a conclusão de que a angústia estava encoberta pelo ato obsessivo. Na neurose obsessiva, portanto, a formação de um sintoma substitui a angústia, indicando a eficácia do recalque diante da demanda pulsional. Preparando o terreno para uma afirmação de caráter genérico – que em geral os sintomas são formados

para fugir a uma geração de angústia –, Freud retoma a histeria, em que encontra uma relação semelhante à neurose obsessiva, ou seja, a formação de um sintoma sem angústia, segundo afirma:

o resultado do processo de repressão (recalque) é ou a geração da ansiedade (angst) pura e simples, ou a ansiedade (angst) acompanhada pela formação de um sintoma, ou a formação mais completa de um sintoma sem ansiedade (angst). (FREUD, 1976, 1916-17, p.471)

Está mantida, portanto, a afirmação de que o sintoma trabalha no sentido de fugir da formação da angústia. Na sequência das considerações sobre a histeria e a neurose obsessiva, Freud retoma as duas etapas da primeira teoria da angústia, marcando a diferença entre a neurose de angústia e as neuropsicoses. A primeira, que apresenta uma deflexão da libido de seu emprego normal, com consequente desenvolvimento da angústia no plano somático; e a segunda, a das neuropsicoses, que apresenta uma reflexão semelhante que pode ser o resultado de uma rejeição por parte das instâncias *psíquicas*. Vemos, assim, desdobrar-se o problema da angústia na primeira teoria, com etapas distintas, mas, sobretudo, com a manutenção do princípio básico, ou seja, do recalque antecedendo a angústia.

2 A SEGUNDA TEORIA DA ANGÚSTIA: DESAMPARO E ANGÚSTIA

A segunda teoria da angústia conta com o avanço da metapsicologia em Freud, ela se liga inteiramente à elaboração crescente dos conceitos que vieram dar sustentação às novas formulações freudianas sobre a angústia. Noções metapsicológicas importantes como a pulsão e o recalque, essenciais na compreensão da dinâmica do aparelho psíquico, mostram-se fundamentais na elucidação da angústia. A segunda teoria, portanto, desenvolve-se com a presença de uma metapsicologia mais avançada, com novas elaborações sobre o recalque, o inconsciente, a pulsão, o ego. O desamparo constitui-se em outra noção que ganha importância na segunda teoria, mostrando-se essencial na compreensão da falta radical que o processo de humanização impõe ao ser falante. Neste capítulo, abordamos a fobia através do estudo do caso Hans, uma análise de criança orientada por Freud que se inclui entre as cinco grandes psicanálises trabalhadas por ele.

2.1 Angústia e Metapsicologia

A segunda teoria da angústia apresenta uma importante torção e um remanejamento decisivo. O recalque muda de lugar com relação ao problema do surgimento da angústia. A angústia é secundária ao recalque, na primeira teoria. Como vimos, é

pelo represamento da libido na incidência do recalque que a angústia se manifesta. As mudanças a partir de 1920 de **Além do Princípio de Prazer** e a elaboração da segunda tópica com a introdução das instâncias psíquicas do eu, do isso e do supereu, reorientam o problema; e a angústia, com isso, torna-se primeira, anterior ao recalque, como sinal de perigo em nível do eu.

O eu se torna a sede da angústia e, na explicação metapsicológica, retira seu investimento pré-consciente do representante pulsional que sofrerá o destino do recalque, sendo esse investimento utilizado para liberação do desprazer. Entra em jogo, portanto, o princípio do prazer que aciona o recalque. A angústia é anterior, é sinal para o recalque, sinal de um perigo para o eu. Sobre essa passagem, esse remanejamento-torção, Freud, em 1926, em **Inibições, Sintomas e Angústia**, se pronuncia:

Época houve em que atribuí certa importância ao ponto de vista de que aquilo que era utilizado como uma descarga de ansiedade (angst) era a catéxia que fora retirada no processo de repressão (recalque). Hoje isso me parece quase de nenhuma importância. O motivo disto é que, embora antigamente acreditasse que a ansiedade (angst), de maneira invariável, surgisse automaticamente por um processo econômico, minha presente concepção de ansiedade (angst) como um sinal emitido pelo ego a fim de tornar efetiva a instância do prazer-desprazer elimina a necessidade de considerar o fator econômico (FREUD, 1976, p.164).

A segunda teoria, menos econômica e mais metapsicológica, introduz um limite no aparelho psíquico, ligado a questões estruturais fundamentais do sujeito: o seu desamparo, suas experiências traumáticas de perdas e separações. Freud postula que a ansiedade (angst) é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico. Ele diz isso quando fala da criança e de suas separações, perdas de objeto, ausência da mãe. Experiências que remontam à vivência de separação de um objeto altamente valioso, a separação da mãe, que evoca a “angústia primeva” do nascimento.

Sobre as vivências de separação traumáticas, que remetem à “angústia primeva” do nascimento, é importante assinalar uma das motivações que levaram à construção de **Inibições, Sintomas e Angústia**. Essa motivação se liga à elaboração de uma resposta ao livro de Rank sobre **O Trauma do Nascimento**, livro que foi apresentado a Freud por ocasião de seu aniversário em 6 de maio de 1923. Na Introdução do Editor Inglês à Edição Standard, James Strachey esclarece o conteúdo do debate informando que o livro de Rank representou muito mais que uma adoção da explicação de Freud sobre a forma assumida pela angústia.

Rank sustentava a argumentação de que todos os ataques ulteriores de angústia eram tentativas de “ab-reagir” o trauma do nascimento. Ele explicou todas as neuroses de modo semelhante, destronando incidentalmente o complexo de Édipo, e propôs, segundo Strachey, uma técnica terapêutica reformada, baseada na superação do trauma do nascimento. As referências publicadas de Freud ao livro pareciam a princípio favoráveis, mas a presente obra revela uma inversão completa e final dessa opinião. Sua rejeição aos pontos de vista de Rank, contudo, estimulou-o a uma reconsideração própria, e **Inibições, Sintomas e Angústia** foi o resultado, esclarece Strachey. (FREUD, 1976, 1926, p.105)

A posição de Rank fere frontalmente conceitos basilares do edifício freudiano, destronando o complexo de Édipo e por extensão a noção de castração, estabelecendo como ponto central da problemática do sujeito não mais o Édipo-castração, mas o próprio trauma. A posição de Freud, e não poderia ser diferente, é de manter a castração como noção fundante da subjetividade, situando-a como elemento operatório indispensável e central na explicitação do sujeito. Um dos destinos, portanto, de **Inibições, Sintomas e Angústia** é debater esse tema argumentando em favor do Édipo-castração. Em Freud, muito mais que ab-reagir o

trauma do nascimento – como postula Rank, com sua proposta de uma técnica terapêutica reformada –, trata-se da ressignificação, pela castração, das experiências de separação, de perda, das experiências traumáticas em última instância. Sobre essa discussão Freud assinala:

A afirmação que acabo de fazer, no sentido de que o ego foi preparado para esperar a castração, tendo sofrido perdas de objeto constantemente repetidas, coloca a questão da ansiedade (angst) sob nova luz. Até aqui consideramo-la como um sinal afetivo de perigo; mas agora, visto que o perigo é tão amiúde o de castração, ele nos parece uma reação a uma perda, uma separação. (FREUD, 1976, 1926, p.153).

Seguindo esse ordenamento, em que Freud evidencia a importância da castração, o trauma do nascimento é incorporado à estruturação do sujeito no Édipo. O Édipo assume, dessa forma, estatuto conceitual central no texto freudiano, como demonstra a réplica de Freud a Rank sobre o trauma de nascimento. Ele defende o caráter estruturante primordial do complexo de Édipo, postulando que o perigo é estruturado em função da castração. Assim, as experiências de separação, desde o desmame, a perda do amor da mãe, o nascimento, serão reconhecidas como perigo posteriormente pela incidência da castração, que recobre de sentido essas experiências que conservam um sentido traumático.

Em Freud, a torção promovida na teoria da angústia remete esse afeto para uma experiência de limite do aparelho psíquico – sinalizada como um perigo, como uma ameaça vital, mas que desdobra o problema do desamparo do sujeito, sua situação precária na existência, sua relação com a perda; uma negatividade que a castração vem inscrever na subjetividade. O desamparo situa-se, portanto, como uma espécie de núcleo da situação de perigo que será re-situada à luz do Édipo. Ele conserva, desse modo, a referência central ao Édipo-Castração, elemento fundamental na elaboração da subjetividade, e evocativa das experiências de perdas originárias. O tema freudiano da angústia assume, em seu segundo momento, ou na segunda

teoria da angústia, um afeto mais existencial, e, portanto, mais suscetível de interlocução com a filosofia.

A angústia, como toda noção relevante em psicanálise, está presente desde os primeiros escritos e mantém-se como tema relevante nos textos mais tardios. Dessa forma, o assunto se faz representar nos escritos da fase final, que tem sua maior expressão em **Inibições, Sintomas e Angústia**, no qual a tese da angústia sinal tem sua formulação final. O problema da angústia exigiu de Freud trabalho contínuo e manejo dos conceitos, no esforço de elucidação, por se tratar de um tema que reúne em torno de si outras noções importantes. Problemas que aguardam esclarecimento, inteiramente dentro do propósito de construção do conhecimento que sustenta a pesquisa psicanalítica, no esforço incansável de Freud em lançar luz sobre as motivações que orientam a vida psíquica. Em suas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, na 25^o conferência, sobre **A Angústia**, Freud situa o problema dizendo que:

Qualquer que seja o caso, não há dúvida de que o problema da ansiedade (angst) é um ponto nodal para o qual convergem as mais diversas e importantes questões, um enigma cuja solução deverá inundar de luz toda nossa existência mental. Não afirmarei que lhes possa dar essa solução completa; certamente, porém, os senhores esperarão que a psicanálise empreenda em relação a esse tema uma abordagem muito diferente da realizada pela medicina acadêmica. (FREUD, 1976, 1916-17, p. 458)

Freud menciona o problema da angústia como um “ponto nodal”, ponto de convergência das mais importantes questões no que diz respeito a iluminar regiões obscuras de nossa vida psíquica. Em suas palavras, “nossa existência mental”. De fato, desde o início, o trabalho de elucidação da angústia constrói-se no mesmo movimento em que Freud afirma a presença da sexualidade como elemento essencial da pesquisa psicanalítica, assim como o trabalho de fundação e fundamentação do inconsciente.

Ele rompe com o primado da consciência, enquanto a mesma coincide com o psíquico, ou seja, rompe com a ideia que sustenta todo recobrimento do psíquico pela consciência. Freud se distancia da psicologia clássica apresentando sua “psicologia”, que vai além do registro consciente, e que ele nomeia metapsicologia. A angústia encontra-se, então, inteiramente, no interior dos debates mais acirrados formulados por Freud em defesa desse saber que ele inaugura e constrói ao longo de sua vida.

O próprio Freud reconhece o quanto o trabalho especulativo conta pouco nesse domínio. A angústia é uma experiência individual e concreta, apresentando-se como algo que tem caráter de indefinição e falta de objeto, tendo relação com uma expectativa, vivida como experiência profunda e íntima de nossa singularidade. A angústia alcança o corpo, afeta o corpo, provoca sinais no corpo, sem deixar, no entanto, de ter sua expressão psíquica. A etapa final de suas considerações sobre a angústia conta com o texto fundamental de **Inibições, Sintomas e Angústia**, no qual são consolidados os princípios teóricos que vão traçar as linhas de força fundamentais na sustentação da noção de angústia.

O texto confirma a virada de perspectiva da angústia em relação ao recalque. Ela é originária, é primeira. Surgindo como pequena quantidade energética, mobiliza as forças que vão erigir o recalque diante das moções pulsionais incompatíveis que pressionam por satisfação como representações inconciliáveis. No texto de 1926, no ambiente teórico da segunda tópica e das aquisições sobre a pulsão, sobretudo no texto de 1920, **Além do Princípio do Prazer**, e com a essencial fundamentação metapsicológica do Recalque e do Inconsciente, a angústia, enquanto noção em franca elaboração, reveste-se de outros aspectos além do quantitativo.

O desamparo, cuja elaboração se desdobra no texto de 1926, assume papel fundamental no esclarecimento da angústia. Freud procura configurar o desamparo como cenário em que se desdobra com toda sua dramaticidade a humanização do pequeno *infans*, que ao receber do próximo seu alimento é introduzido no mundo humano configurado essencialmente pela linguagem. A angústia, nessa medida, refere-se a um trauma que não se esclarece pela variação de tensão energética, que se resolve com a instalação de mecanismos de adaptação no processamento do excesso econômico a ser equacionado com o crescimento.

O trauma em questão é anterior a qualquer dispositivo adaptativo. Podemos dizer que, “com Freud, somos conduzidos a uma concepção original do trauma, anterior à própria realização do mundo” (VIEIRA, 2001, p.61). O desamparo constitui-se então nessa matriz na qual se desenrola a constituição do humano e a realização do mundo, tendo como pano de fundo desse cenário o trauma, que Freud insiste em demarcar como estrutural. O perigo que a angústia sinaliza, adverte Freud, constitui-se naquilo que configura o destino comum da humanidade. Ele nos diz:

A ansiedade (*angst*) é a reação ao perigo. Não se pode, afinal de contas, deixar de suspeitar que o motivo pelo qual o afeto de ansiedade (*angst*) ocupa uma posição *sui generis* na economia da mente tem algo a ver com a natureza essencial do perigo. Contudo, os perigos são o destino comum da humanidade; são os mesmos para todos. O que necessitamos e com o que não podemos mexer é algum fator que explicará por que algumas pessoas são capazes de sujeitar o afeto de ansiedade (*angst*), apesar da sua qualidade peculiar, às elaborações da mente, ou que decide quem está condenado a fracassar naquela tarefa. (FREUD, 1976, 1926, p.174)

A citação acima, que introduz o décimo capítulo de **Inibições, Sintomas e Angústia**, mostra um Freud que se depara com a natureza essencial do perigo que representa, de acordo com sua afirmação, o destino comum da humanidade. A humanidade sendo, dessa forma, votada a lidar com o perigo que é o mesmo para todos, segundo afirma. Podemos ler, nessas considerações, os elementos que vão

dar sustentação às elaborações que Freud leva a termo no presente texto, quando apresenta o desamparo como causa mais fundamental da angústia. Situando, por exemplo, o perigo como destino comum ao humano, evocando um desamparo que marca a todos com essa condição.

As afirmações que remetem a angústia ao perigo, tornado-o uma deiscência na constituição do humano por onde se insinua a ameaça de dissolução dos referentes, supõe o avanço no trabalho das noções metapsicológicas. O perigo, diante do qual a angústia é uma reação, conforme destacado por Freud no texto de 1926, é o resultado de condições metapsicológicas que permitem sua localização como condição essencial na pesquisa da angústia.

Dessa forma, a mudança de posição do recalque revelou-se uma manobra essencial na sustentação da segunda teoria freudiana da angústia, permitindo formular uma causa que se revele mais consistente que as modulações energéticas da primeira teoria. O que ocorre é que o estofa da metapsicologia permite ampliar o que se situa na raiz da angústia. Sobretudo no que diz respeito a tudo que se refere a sua causa. O fator econômico declina de seu lugar como fator principal nas motivações da angústia, sem, no entanto, desaparecer completamente das considerações, senão que ainda se faz presente como parte integrante da metapsicologia, ao lado da tópica e da dinâmica. O que é de fundamental importância sublinhar é que a mudança do recalque, situando-se como posterior à angústia, introduz uma angústia originária, uma *Urangst*. Dessa angústia derivam todos os estados de angústia posteriores como uma repetição dessa angústia originária.

Sobre o tema angústia e metapsicologia, é importante assinalar os movimentos mais importantes que se situam na base da concepção do desamparo como causa da angústia. Assim, nesse sentido, Freud repensou a teoria da angústia levando em

consideração o recalque e a demanda pulsional, tendo como resultado a mudança da natureza da angústia com o remanejamento dessas noções. Os avanços da metapsicologia da segunda tópica permitem situar o Ego como sede da angústia, que sinaliza uma situação de perigo, e por fim uma angústia originária é concebida representando o perigo que a dramatização do desamparo encena.

O texto de 1926, **Inibições, Sintomas e Angústia**, é o resultado de uma metapsicologia acrescida da segunda tópica freudiana, indispensável elaboração teórica representando a base de sustentação da nova concepção da angústia. O avanço em Freud, no entanto, não se revela linear. A exposição das ideias e do material clínico, sendo evidentemente a psicanálise uma prática clínica, estão sempre acompanhadas da advertência quanto às dificuldades do seu progresso na elucidação dos impasses. De acordo com isso, Freud não se cansa de marcar seu texto, como pesquisador paciente e rigoroso, com a ressalva que a complexidade do assunto exige. Dessa forma, ele não vacila em apontar a contradição no interior de suas ideias quando apresenta um avanço importante:

Talvez ainda seja verdade, portanto, que na repressão (recalque) a ansiedade (angst) é produzida a partir da catexia libidinal dos impulsos instintuais. Mas como podemos reconciliar essa conclusão com nossa outra conclusão de que a ansiedade (angst) sentida nas fobias é uma ansiedade (angst) do ego e que surge neste, e de que não parte da repressão (recalque), mas, ao contrário, põe a repressão (recalque) em movimento? Parece haver aqui uma contradição que de modo algum constitui um assunto simples de solucionar. (FREUD, 1976, 1926, p.132)

2.2 Angústia e Desamparo

Desde o **Projeto**, texto de 1895, o desamparo não pode mais ser lido como evento puramente biológico. Esse limite é, no entanto, franqueado por Freud quando estende sua compreensão no sentido de pensar, com novo aporte de sentido, o próprio horizonte da existência. A angústia, desse modo, apresenta-se como um afeto mais existencial quando referida ao desamparo. O desamparo passa também a ser considerado, na estruturação do psiquismo, como marca originária de falta radical não recoberta, sem possibilidade de ser resolvida pelo processo de desenvolvimento. Freud considera essa noção, presente no próprio funcionamento psíquico, quando fala do “desamparo psíquico”, dizendo que:

[...], o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo de seu superego, até o período de latência. (FREUD, 1976, 1926, p.166)

A noção de desamparo, portanto, já se encontra presente no **Projeto para uma Psicologia Científica**, trabalho elaborado em 1895 e só publicado em 1950. O Projeto guardou várias ideias e concepções, na lacuna entre sua produção e publicação, que vão ser desenvolvidas por Freud ao longo de sua obra na construção da metapsicologia. O Projeto tem a finalidade, adverte Freud logo nas primeiras linhas do texto, de “estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural”, de acordo com o ambiente científico do qual Freud fazia parte, influenciado

por autores e professores inteiramente alinhados com a pesquisa científica na segunda metade do século XIX.

Portanto, disso deriva que

sua formação intelectual se deu no interior da atmosfera cientificista e positivista, típica do ambiente universitário alemão do século XIX, na área das ciências naturais. Seu mestre mais próximo foi Theodor Meynert, professor de neuropsiquiatria na Universidade de Viena. Meynert estava ligado à tradição que remonta, através de Fechner, a Herbart. (GARCIA-ROZA, 2008, p.74)

De acordo, então, com os autores da tradição científica, Freud direciona o trabalho no sentido de “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco” (FREUD, 1976, 1895-1950, p. 395). Mesmo concebido na atmosfera científica, na qual Freud se encontrava mergulhado, o **Projeto** supera a ideia de fundar o psiquismo em bases anatômicas, posicionando-se na direção da construção metapsicológica, já embrionária, mas inequívoca, se levarmos em conta a consonância do Projeto com textos metapsicológicos posteriores. A anatomia e neurologia da época, suportes na construção das primeiras ideias, devem ser recusadas em favor de uma concepção dos processos mentais que se desdobram em um registro não naturalista dos eventos psíquicos.

A noção de desamparo, como já salientamos, é uma concepção com desdobramento importante nos textos metapsicológicos tardios e que já se encontra presente no Projeto. Aqui o desamparo é trabalhado seguindo o modelo da experiência de satisfação que Freud constrói visando a compreender o processo de desejo. Alguns pressupostos são necessários à introdução do Projeto, sendo que duas ideias principais estão em jogo, uma quantidade de excitação “Q” que circula nas redes de neurônios e que distingue a atividade do repouso. Essa quantidade se

encontra sujeita às leis gerais do movimento. A outra ideia situa os neurônios como partículas materiais. (3)

Assim, quando os neurônios “psi” encontram-se tomados por essa quantidade, em função da produção de desprazer, há uma necessidade de descarga, “uma urgência que se libera pela via motora”. Essa descarga, entretanto, não pode produzir um resultado de alívio em função do estímulo endógeno que preenche os neurônios e com isso restabelece a tensão em “psi”. Necessária se faz, então, uma *ação específica* capaz de interferir com a descarga de “Q” no interior do organismo. Essa ação requer uma alteração do mundo externo, como, por exemplo, a oferta de alimentos ao organismo humano incapaz de realizar uma ação nesse sentido.

A ação necessária à transformação dessa realidade, pela incapacidade do organismo imaturo em realizá-la, deve ser efetuada por meio de uma ajuda externa. A assistência é prestada pela pessoa que se encontra diante do estado da criança, que sofrendo a pressão interna e premido pelo *Not des Lebens*, ou seja, o estado de urgência da vida, encontra no apelo do grito a via de descarga da tensão interna. Freud vai dizer que: “Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (FREUD, 1976, 1895-1950, p.422). A função de comunicação, mencionada por Freud, introduz a importante função da troca simbólica que se inicia com o processo de humanização, disparado a partir do grito do recém-nascido e que tem sua contrapartida nos cuidados dispensados pela pessoa que assiste a criança.

Vemos, então, desdobrar-se uma dinâmica estabelecida entre o choro do infans que vivencia o desamparo por um lado, e a resposta do próximo já introduzido no mundo simbólico, como portador da palavra, por outro lado. Esse próximo responde,

enquanto situado no interior da linguagem, o que configura, nessa dinâmica, o que é especificamente humano, ou seja, o exercício da troca simbólica. Ao oferecer o alimento visando à suposta necessidade imperiosa da fome, são as palavras que humanizam, referindo o infans, ou seja, aquele que ainda não tem condições de ser portador de sua palavra, não a um outro semelhante que lhe trás o alimento, mas a uma instância simbólica, a um “Outro, não semelhante, mas estranho e ao mesmo tempo próximo” (GARCIA-ROZA, 2008, p.133). Portanto, a partir da introdução do mundo simbólico como fundante do processo de humanização, a leitura naturalista e fisicalista do Projeto, de base anatômica e neurológica, parece não acompanhar e sustentar o alcance daquilo que Freud postula.

Na concepção freudiana, o processo de desejo surge a partir da experiência de satisfação. Com a ajuda do próximo, na experiência de troca simbólica estabelecida, mesmo na vivência de desamparo e passividade, o desejo se articula para além da necessidade, como aquilo que vigora entre o alimento e a palavra. Assim, Freud vai dizer que, quando o estado de necessidade se repete, a imagem mnêmica do objeto será reinvestida buscando a obtenção da satisfação original. Dessa forma,

com o restabelecimento do estado de *urgência* ou de *desejo*, a catéxia também passa para as duas lembranças (a do objeto de satisfação e a da descarga pela ação específica), reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela ativação do desejo. (FREUD, 1976, 1895-1950, p.424)

O desejo, distinto da necessidade – que responde a um objeto natural –, aparece num contexto de troca simbólica que se estabelece na experiência de satisfação a partir do desamparo infantil.

Nos textos sobre metapsicologia, a noção de desamparo ganha aportes pontuais, não contando com nenhum texto que se proponha a abordá-lo mais detidamente.

Em **Pulsões e Destinos da Pulsão**, de 1915, Freud situa o desamparo dentro da temática das pulsões, descrevendo um ser vivo desamparado diante das necessidades pulsionais que exercem uma pressão constante [*drängenden*]. O parágrafo diz o seguinte:

Imaginemo-nos agora no lugar de um ser vivo vulnerável e desamparado, e ainda desorientado no mundo, mas que já comece a receber estímulos captados por sua substância nervosa. Esse ser em breve poderá efetuar uma primeira diferenciação e obter uma primeira orientação. Por um lado, perceberá que existem estímulos de cujo campo de influência ele pode se afastar por meio de uma ação muscular (fuga), estímulos esses que atribui então a um mundo externo. Por outro lado, perceberá que também existem estímulos contra os quais uma ação como essa resultará inútil, pois, apesar da fuga, eles continuam a exercer uma pressão constante [*drängenden*]. Esses outros estímulos são o sinal característico da existência de um mundo interno, são a evidência das necessidades pulsionais [*Triebbedürfnisse*]. A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia de sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar entre um “externo” e um “interno”. (FREUD, 2004, 1915, p.146)

O texto freudiano postula um ser vivo desamparado que começa a receber estímulos, o que lhe confere capacidade de diferenciação e a obtenção de uma primeira orientação. A ideia de um processo de desenvolvimento, com capacidade adaptativa do organismo, pode sugerir o desamparo como uma vivência a ser superada com a maturidade do ser vivo a partir de seu discernimento na diferenciação entre externo e interno. O desamparo, de acordo com essa leitura, pode ser entendido como uma etapa a ser vencida na projeção de um ego maduro e capaz de exercer um controle efetivo sobre as ameaças e perigos com que se depara o ser imaturo. No mesmo texto, entretanto, Freud apresenta a proposição de um estímulo que exerce uma pressão constante [*drängenden*], contra o qual não será possível uma fuga por meio da ação muscular. Encontramos, no decorrer do texto, a definição da pulsão como força constante “que mesmo as ações de fuga não conseguem eliminá-la, ela é irremovível” (FREUD, 2004, 1915, p.147), diz Freud, assinalando o caráter de permanência do impulso.

Vemos, portanto, a presença de uma força constante e insuperável, que coloca o desamparo como irreduzível à força conciliatória do ego, marcando uma fenda na estrutura do psiquismo. Dessa forma, longe de se constituir em uma vivência a ser vencida pelos recursos do psiquismo, o desamparo, ao contrário, marca a estrutura do psiquismo com uma falta que não se recobre, configurando uma carência que não se preenche com o objeto natural da fome.

O que Freud apresenta, entretanto, é a força constante da pulsão que é “irremovível”, segundo sua expressão, portanto, uma tensão que não se reconcilia com o objeto da necessidade. Na *experiência de satisfação*, descrita no Projeto, aprendemos com Freud que o objeto da necessidade não é o objeto da pulsão. É em razão disso que o grito da fome não reduz sua demanda diante do alimento, mas instaura com a resposta do próximo a possibilidade de troca simbólica, essencial, sem dúvida, à humanização promovida pela linguagem.

No artigo sobre o **Inconsciente**, de 1915, o desamparo pode ser lido na abordagem da pulsão, traduzida na pressão constante do impulso que se impõe buscando satisfação, e como demanda pulsional implica, necessariamente, a ordem do sexual. Dessa forma, o recalque original [*Urverdrängung*] funciona como um contra-vestimento de carga que confere proteção ao aparelho psíquico contra a situação de desamparo provocada pela pressão pulsional intensa, segundo Freud. Ele postula que,

no caso do recalque original, nos permita explicar sua instalação inicial e sua continuidade: a única hipótese plausível é imaginarmos que exista um *contra-vestimento de carga* por meio do qual o sistema *Pcs* se protege da pressão de retorno ao consciente exercida pela ideia [*Vorstellung*]. (FREUD, 1976, 1915, p.32)

Dentre as estratégias neuróticas construídas objetivando fazer frente à demanda interna pulsional, a fobia se apresenta como aquela que logrou projetar o perigo

pulsional para fora, argumenta Freud. Ele vai dizer que o eu comporta-se como se o perigo de desencadeamento de medo não se originasse de uma demanda pulsional, mas estivesse sendo veiculado pela percepção de algo externo, e, portanto, pode reagir contra esse perigo externo com as tentativas de fuga típicas das evitações fóbicas. No entanto, o trecho que destacamos a seguir mostra de forma inequívoca a insuficiência da estratégia neurótica e, sobretudo, a impossibilidade de superação do desamparo por qualquer estratégia que seja:

Em um aspecto, esse processo de recalque sempre tem êxito: a liberação de medo pode ser até certo ponto represada, embora com grande sacrifício da liberdade pessoal. Entretanto, de modo geral, quaisquer tentativas de fugir das reivindicações pulsionais costumam ser inúteis, e também no caso da fuga fóbica o resultado acabará sendo insatisfatório. (FREUD, 2006, 1915, p.35)

A estratégia de fuga é, dessa forma, insatisfatória, no dizer de Freud, o que confirma o desamparo como irreparável furo no psiquismo. A segunda teoria da angústia tem sua reformulação, portanto, no contexto da segunda tópica freudiana e conta com a importante virada do ano de 1920 com **Além do Princípio do Prazer**. O recalque, anterior à angústia no início, agora produz a angústia a partir do ego. Nessa altura Freud admite o desamparo como uma causa mais importante da angústia. Na sequência de perdas enumeradas por Freud, o desamparo situa-se como perigo que assinala, em última instância, a carência radical que marca o psiquismo, configurando um lugar vazio que a existência é destinada a suportar.

Desse modo, tomar em consideração angústia e desamparo no texto **Inibições, Sintomas e Angústia** significa considerar um ponto de tangência entre psicanálise e filosofia, sem qualquer relação de complementação de uma experiência sobre a outra, mas na atmosfera de uma “fraternidade de discurso” na feliz expressão de Jacques Lacan. Assim, vemos desdobrar-se uma possibilidade de aproximação

através do tema da angústia, que se dispõe ao debate enriquecedor por interessar aos dois campos enquanto afeto essencial do indivíduo, marcando com isso uma posição comum entre filosofia e psicanálise.

Mario Eduardo Costa Pereira, em seu importante trabalho **Pânico e Desamparo** (2008), apresenta um comentário muito instrutivo sobre a etimologia da palavra desamparo. Ele lembra que a análise da palavra deixa aparecer em primeiro plano o elemento *Hilf*, que tem relação direta com o verbo *helfen* (ajudar), e com o substantivo *Hilfe* (ajuda). A partícula *los* indica a falta, a ausência completa desse primeiro elemento, a ajuda. Assim, o adjetivo *hilfflos* qualifica aquele que está “sem ajuda”, “desarmado”, que é “incapaz de se sair bem por si mesmo”. Por outro lado, o sufixo *ig* marca a adjetivação, e a terminação *keit* faz da palavra um substantivo indicando um estado ou uma qualidade.

Desse modo, *Hilfflosigkeit* é um substantivo que designa o estado ou a condição de alguém que se encontra “sem ajuda”, *hilfflos*, “desamparado” (COSTA PEREIRA, 2008, p.128). A análise etimológica do autor mostra de forma muito apropriada a ideia que Freud quis passar com a noção de desamparo, qual seja, procurando evidenciar a ausência de ajuda que representa o estar desamparado. Freud circunscreve a situação do recém-nascido enquanto incapaz de realizar sua própria ação específica necessária para conter as tensões decorrentes da pressão das necessidades. A ajuda do adulto próximo se torna, portanto, essencial diante da indigência do pequeno *infans*.

Mario Eduardo Costa Pereira, no texto citado acima, desenvolve ainda importante comentário sobre a leitura suscitada a partir da concepção freudiana do desamparo com ênfase no registro biológico da experiência, restituindo, dessa forma, um alcance maior na interpretação que o desamparo possibilita. Ele acrescenta que

este modo de considerar o uso freudiano do *Hilfflosigkeit*, enfatizando apenas seu caráter de objetividade biológica, restringiu seu alcance metapsicológico e contribuiu para que certas pesquisas psicanalíticas posteriores tivessem negligenciado sua problemática mais geral. Tal ponto de vista supõe, por exemplo, uma perspectiva genética, na qual o aparelho psíquico desenvolve-se de um estado inicial de desamparo em direção a uma condição “madura”, de não-*Hilfflosigkeit*. O desamparo seria totalmente eliminável pelo amadurecimento. (COSTA PEREIRA, 2008, p.130)

O autor desdobra, com seu comentário, outras possibilidades de leitura da noção introduzida por Freud. Tomar o desamparo exclusivamente sob a ótica de um dado objetivo, pouco resta a dizer da *Hilfflosigkeit* enquanto dimensão essencial do funcionamento psíquico. Extrair, no entanto, as consequências mais fecundas que a noção implica, significa entender essa noção, progressivamente elaborada na obra de Freud, como aquilo que marca de forma definitiva a condição última de falta de garantias do funcionamento psíquico.

No quadro de uma investigação sobre o desamparo, nos detendo ainda um pouco mais sobre os sentidos da palavra, achamos oportuno buscar o verbete *Desamparo* no **Vocabulário da Psicanálise**, de J.Laplanche & J.-B. Pontalis. Sobre o Estado de Desamparo, a *Hilfflosigkeit*, os autores o conceituam da seguinte maneira:

termo da linguagem comum que na teoria freudiana assume um sentido específico: estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1970, p.156)

Os autores, após a definição da *Hilfflosigkeit*, passam a considerar o estado de desamparo inicial como estando na base de diversas ordens de consideração. A primeira consideração diz respeito ao plano genético, em que se pode compreender o valor da *vivência de satisfação*, sua reprodução alucinatória e a diferenciação entre processo primário e secundário. O segundo aspecto a ser considerado salienta o estado de desamparo correlativo da total dependência da criança humana

relativamente à mãe, marcando de forma decisiva a estruturação do psiquismo, que se constitui, em última instância, na relação com outrem. O terceiro ponto a ser ressaltado é que no quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática.

Dessa forma, em **Inibições, Sintomas e Angústia** (1926), Freud reconhece nos “perigos internos” uma característica comum: uma perda ou separação que acarreta um aumento progressivo da tensão, sendo o indivíduo incapaz de dominar as excitações, ficando submerso por elas, o que define o estado gerador do sentimento de desamparo. Uma quarta e última consideração aproxima o estado de desamparo à *prematuração* do ser humano. Em função disso, a influência do mundo exterior é reforçada, a importância dos perigos do mundo exterior é exagerada e o objeto tem seu valor aumentado. Este fator biológico estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1970, p.157)

Os autores desenvolvem um pequeno itinerário que a noção de desamparo percorre em Freud, desde a vivência de satisfação, trabalhada por Freud no **Projeto** (1895) e na **Interpretação dos Sonhos** (1900), passando pelo desamparo diante do perigo representado pelas tensões internas, até o perigo do mundo exterior ressaltado pelo autor. O desamparo, por todas essas considerações, põe em evidência a entrada no mundo, sempre traumática, como assinala Freud procurando uma razão para essa angústia que ele descobre originária. Sobre esse aspecto da entrada no mundo, Lacan, em seu trabalho insistente e rigoroso na leitura de Freud, observa que “há quem refira a angústia ao real e nos diga que ela é a principal defesa, a mais radical, a resposta ao perigo mais original, à *Hilfflosigkeit* insuperável, ao desamparo absoluto da vinda ao mundo.” (LACAN, 2005, p.153)

O autor, ainda na trilha dos significantes freudianos, adverte, sobre uma suposta defesa contra a angústia, perguntando se a defesa não é contra a angústia, mas contra aquilo de que a angústia é sinal? Responde dizendo que não se trata, na realidade, de defesa contra a angústia, mas de uma certa falta evidenciando esse ponto de carência incontornável que assinala o traumático posto em relevo por Freud em suas concepções da angústia. (LACAN, 2005, p. 153)

Angústia e desamparo são, portanto, constitutivos da humanização, dessa vinda ao mundo mencionada por Lacan em seu comentário sobre o desamparo. Uma entrada no mundo marcada pelo trauma que a condição do nascimento impõe, como tão bem indicou Freud, aproximando trauma e nascimento. Em seu debate com Rank, sobre o trauma do nascimento, certamente discordou do autor em sua tese que explica todas as neuroses por essa via, mas está inteiramente de acordo em admitir uma situação traumática no nascimento. Quanto a esse trauma, Freud vai dizer que:

A ansiedade (angst), por conseguinte, é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Assim os dois traços de ansiedade (angst) que notamos têm uma origem diferente. Sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo – a situação que é prevista na situação de perigo. (FREUD, 1976, 1926, p. 191)

Portanto, desamparo, angústia, perigo e trauma vão compor um léxico organizador de uma inteligibilidade que a condição de vinda ao mundo e humanização exigem, criando condições de possibilidade de sua compreensão.

2.3 Angústia e Fobia

Com o tema angústia e fobia, tomamos em consideração uma das cinco psicanálises freudianas, ou seja, o caso Hans em que a angústia se liga a um objeto determinado do medo. Para falar de Hans, recorreremos à conferência XXXII, que pertence ao grupo de trabalhos intitulados **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise**, redigidas nos anos de 1932-33. O fato curioso é que essas novas conferências, diferentemente das anteriores, nunca foram proferidas, segundo informa Freud, redigindo seu prefácio introdutório às novas conferências. As razões das coisas terem sido encaminhadas dessa forma são expressas por Freud quando alega que, na sua idade, já se havia liberado da obrigação de expressar sua condição de membro da universidade fazendo conferências. A outra razão, Freud esclarece, deve-se a uma operação cirúrgica que o havia impossibilitado de falar em público.

Por essas razões afirma, de forma espirituosa, que se ele toma mais uma vez o seu lugar na sala de conferências é somente por um artifício de imaginação. Reafirmando sua posição de pesquisador sério, que não se deixa seduzir pelas soluções fáceis, Freud faz questão de esclarecer sobre as atuais conferências dizendo:

Também desta vez, meu objetivo principal foi o de não fazer concessões que visassem a dar uma aparência de que as coisas sejam simples, completas, acabadas, procurei não camuflar problemas e não negar a existência de lacunas e de incertezas. (FREUD, 1976, 1932-33, p.16)

A conferência tardia, de data posterior a **Inibições, Sintomas e Angústia**, pretende organizar o que foi dito até o momento sobre a angústia. O trabalho conta já com a introdução da segunda tópica que apresenta a formulação das novas instâncias psíquicas do superego, do ego e do id, obrigando Freud a reformular também o problema da angústia. Ele retoma, de início, as primeiras formulações sobre esse afeto postulando a angústia como um estado afetivo que é a reprodução de um evento antigo que representou uma ameaça de perigo, que serve ao propósito de auto-preservação e constitui-se em sinal de um novo perigo; surge da libido que se tornou de algum modo não-utilizável e também surge durante o processo de recalque (FREUD, 1976, 1932-33, p.107). Para introduzir as mudanças que vieram posteriormente, Freud retoma o que representou a segunda tópica para sustentação das novas aquisições teóricas e metapsicológicas.

A segunda tópica se revelou essencial na sustentação da tese de que o ego é a única sede da angústia, apenas o ego pode produzir e sentir angústia, afirmação que se encontra de acordo com a concepção da angústia na segunda teoria. Dessa forma, a nova visão, ou seja, a função da angústia como sinal que anuncia uma situação de perigo, permite avançar questões já formuladas e que vinham aguardando respostas mais conclusivas. Entre elas a questão de saber de que material é feita a angústia, que perde interesse, ganhando importância as relações entre angústia realística e neurótica, que se tornaram, segundo Freud, surpreendentemente claras e simples. No exame da fobia, classificada como histeria de angústia, a gênese e as relações da angústia com o sintoma vão se tornando mais claras:

... estávamos lidando com a típica repressão de impulsos plenos de desejo oriundos do complexo de Édipo. Era de se esperar que encontrássemos uma catéxia libidinal referente à mãe do menino, escolhida esta como

objeto, a qual, em conseqüência da repressão, se teria mudado em ansiedade (angst) e agora emerge expressa em termos de sintomas, vinculada a um substituto de seu pai. (FREUD, 1976, 1932-33, p.108)

Vemos, portanto, o cenário recriado por Freud no qual se desenrola o drama edípico com todos os seus corolários. No interior desse cenário, os elementos se movimentam acompanhando a dinâmica dos investimentos, a libido dirigida à mãe como objeto se transforma em angústia e emerge depois como sintoma. É a partir do estudo das neuroses que Freud vai avançando nas formulações, e é dessa forma que as teses decisivas vão se afirmando. Como, por exemplo, a descoberta de que não era o recalque que criava a angústia, a angústia já existia antes. Portanto, era a angústia que causava o recalque.

Na sequência, Freud segue tentando confirmar que as relações entre angústia realística e neurótica se tornaram mais claras. Ele faz isso estudando a fobia na dinâmica que a estrutura edípica engendra: o menino sente angústia pela pressão feita por sua libido – no caso, sente angústia por estar apaixonado por sua mãe –, mostrando claramente uma forma de angústia neurótica. No entanto, o estar apaixonado só aparecia como perigo interno porque suscitava uma situação externa de perigo. De onde Freud conclui que: “Deve ser confessado que não estávamos preparados para constatar que o perigo instintual (pulsional) interno se revelaria fator determinante e preparação para uma situação de perigo externo, real.” (FREUD, 1976, 1932-33, p.109)

Freud destaca então um perigo, externo, real e vincula esse perigo, no contexto do Édipo, enquanto estrutura mítica que ordena as relações, a punição de ser castrado, de perder seu órgão genital. Em um primeiro momento, havia uma primazia do perigo interno, pulsional, sobre o perigo externo. A angústia neurótica era derivada

do perigo pulsional interno. O perigo interno se tornava um perigo externo, contra o qual era mais fácil proteger-se. O pequeno Hans, uma das cinco psicanálises de Freud, um caso de fobia, projetava o perigo pulsional, sua demanda libidinal, no medo de cavalos, objeto de perigo externo contra o qual pode ser empreendida uma proteção.

O caso do pequeno Hans refere-se à análise de uma fobia de um menino de cinco anos. O tratamento, na verdade, foi efetuado pelo pai da criança com a orientação de Freud, que só esteve com o pequeno Hans uma única vez. Os elementos importantes de sua análise começam a despontar em idade muito precoce. Antes de completar três anos, mostrava um interesse muito vivo pela parte do corpo que ele costumava chamar de seu “pipi”. Aos três anos e meio, usava uma característica essencial para distinguir os objetos animados dos inanimados; essa característica dizia respeito à presença ou ausência de “pipi”. Outro fato relevante, ainda na mesma idade, foi a ameaça de castração que sua mãe fizera ao surpreendê-lo se masturbando. Um fato de extrema importância na vida do pequeno Hans, ainda com a idade de três anos e meio, foi o nascimento de sua irmã Hanna, ocasião em que Hans notou o tamanho reduzido de seu “pipi”. A curiosidade sexual orientava sua necessidade de aprender dirigida ao tema da ausência ou presença do “pipi” em sua irmã Hanna e também na observação dos pais.

A fobia do pequeno Hans surgiu quando a criança estava com quase cinco anos de idade. O pequeno acordou chorando, um dia pela manhã, dizendo temer a ida embora de sua mãe. O acontecimento, na época, foi entendido como um sonho de angústia que o havia acometido. A afeição do pequeno Hans por sua mãe apresentava grande intensidade, sendo fato relevante na análise de sua fobia. Numa manhã, após ter ido à noite, no escuro, para o quarto dos pais, Hans relata ao pai

uma fantasia sobre girafas. Ele diz a seu pai que de noite havia uma girafa grande no quarto, e também outra toda amarrotada. A girafa grande gritou porque ele levou a amarrotada para longe dela. Ela parou de gritar, relata Hans, então ele se sentou em cima da amarrotada.

Foi interpretado nessa fantasia como a girafa grande, de pescoço longo, sendo o pênis de seu pai e a girafa amarrotada o órgão genital de sua mãe. Nessa época, Hans vem para a cama da mãe e é acariciado por ela, desafiando, dessa forma, seu pai. Hans tinha medo dos grandes animais, como os cavalos, porque animais grandes também possuem “pipis” grandes. A angústia sentida por Hans correspondia a um anseio erótico recalcado e como toda angústia infantil não possuía objeto.

Sua fobia a cavalo cresceu muito, a ponto de impedir sua saída de casa, após uma causa precipitante representada por uma situação onde o menino viu cair um cavalo grande e pesado. A interpretação da situação foi dirigida no sentido de apontar um desejo percebido por Hans de que seu pai também pudesse cair do mesmo modo e morrer. Naturalmente, por consequência, Hans desejava que seu pai morresse para que ele tomasse o lugar do pai junto à mãe. A criança, portanto, desenvolvia todos os elementos que se desenrolam no drama edípico, buscando a mãe enquanto alvo do seu desejo tendo o pai como rival opositor.

Hans, com o interesse sexual que orientava seu espírito de investigação, mantido pela observação do “pipi”, sustentava sua teoria de que a presença ou a ausência de um “pipi” permitia diferenciar entre objetos animados e inanimados. Hans inferiu de seu sistema lógico que todos os objetos animados eram como ele e possuíam este importante órgão do corpo. Dessa forma, estava presente nos grandes animais e

também nos seus pais, sustentando sua teoria também diante da visão do órgão feminino da irmã. O nascimento da irmã acentuou sua relação com os pais dramatizando intensamente o Édipo. Lacan em seu seminário sobre **A Angústia** fala do pequeno lógico que foi Hans:

O pequeno Hans, tão lógico quanto Aristóteles, formula a equação *Todos os seres animados têm falo*. Suponho estar me dirigindo a pessoas que acompanham meu comentário sobre a análise do caso do pequeno Hans, e que também se lembram daquilo que tive o cuidado de acentuar, no ano passado, a respeito da proposição chamada afirmativa universal, ou seja, que ela tem apenas o sentido de definição do real a partir do impossível. É impossível que um ser não tenha falo. (LACAN, 2005, p. 90)

Em seu comentário, Lacan vai dizer que a lógica tem a função essencialmente precária de condenar o real a tropeçar eternamente no impossível, não há outro meio de apreendê-lo senão avançando de tropeço em tropeço. O raciocínio do pequeno Hans segue a seguinte consideração: Existem seres vivos, como sua mãe, que não têm falo. Disso segue-se a seguinte conclusão: sendo assim, o resultado é evidente, não existe ser vivo. De onde decorre, por consequência, a presença da angústia. Lacan chama atenção para a presença do real, que tropeça no impossível, como diz, mas que essencialmente sinaliza com a angústia diante da qual a criança interpõe o falo, atributo essencial e necessário do ser vivo, segundo sua lógica. (LACAN, 2005, p. 90)

A fobia do pequeno Hans evoluía e se intensificava com crises de angústia, passando a não ter mais relação com a questão da locomoção, mas tornou-se concentrada nos cavalos. Temia que um cavalo entrasse no seu quarto e dias antes acordou após um sonho de angústia imaginando que sua mãe fora embora. A interpretação dos pais apontava a masturbação como causa de sua angústia e orientavam o abandono de tal prática. A fobia ganhava complexidade, pois Hans não

temia somente o cavalo, ser atacado, mordido, mas tinha medo também das carroças, caminhões, ônibus, cavalos que se mexiam ou que pareciam grandes e andavam depressa.

Como tinha medo de cavalos caindo acrescentou tudo aquilo que estivesse relacionado à queda dos cavalos na constituição de sua fobia. A queda do cavalo significava não apenas seu pai que morria, mas também sua mãe quando dava à luz. O resultado da análise foi a recuperação do pequeno Hans, que deixou de ter medo dos cavalos e restituiu boa relação com seu pai. A análise, segundo Freud, ofereceu a criança um esclarecimento que seus pais lhe ocultaram, substituindo o processo de recalçamento por um controle equilibrado e objetivo por parte das instâncias superiores da mente. O esclarecimento da existência da vagina e da cópula diminuía as dúvidas e as intermináveis perguntas.

Na fobia, portanto, a angústia se transforma em medo. Dessa forma, Hans promove um deslocamento, quando do medo do pai passa ao medo do cavalo, produzindo com isso um sintoma fóbico. Constituindo um nome para um medo, nomeando o objeto do medo, a angústia em parte se aplaca. Hans nomeou o cavalo como objeto de seu medo, constituindo com essa nomeação uma fobia, ou seja, um significante que produz medo. O corpo paralisado pelo real da angústia, no vazio de significação que acompanha esse afeto, se desloca ao significante que produz medo. A fobia liga a angústia ao significante cavalo contra o qual o pequeno pode se defender. O medo se inscreve no horizonte dos recursos simbólicos da criança impondo um limite à angústia fundamental do sujeito contra a qual não há recurso. O medo, circunscrito ao mundo da palavra, aplaca de alguma forma o estranho ameaçador da angústia.

Dessa forma, a Hans

Nada lhe resta, a não ser cortar o acesso a todo possível motivo que possa levar ao desenvolvimento de ansiedade (angst), erigindo barreiras mentais da natureza de precauções, inibições ou proibições; e são essas estruturas protetoras que aparecem para nós sob a forma de fobias e que constituem aos nossos olhos a essência da doença. (FREUD, 1976, 1909, p.124)

Freud trabalha na vertente do Édipo-castração. No caso Hans, ele desdobra os efeitos do drama edípico e da operação da castração, e acentua, nesse sentido, o perigo externo representado pela castração. Sua observação apurada leva-o a afirmar que: “Antes de mais nada, não se trata de a castração ser ou não ser realmente efetuada; o que é decisivo é que o perigo ameaça de fora e a criança acredita nele” (FREUD, 1976, 1932-33, p.109). Afirmação que vai no sentido de conceber uma situação traumática como protótipo da angústia, conferindo à castração um lugar diferente daquele que a situa no registro imaginário, de um perigo imposto externamente como ameaça a ser evitada. Como no caso Hans, por exemplo, em que o cavalo é tomado como objeto do medo a ser evitado. Mas, Freud fala de uma angústia mais originária, o que nos leva a concluir por uma via não imaginária, diferente, portanto, daquela que o drama edípico pode sugerir.

Sobre essa formulação, que leva à necessidade da afirmação de um trauma quando se busca localizar a presença de uma angústia mais original, a fragilidade neurótica revela esse ponto de inconsistência, não escapando de Freud sua percepção da atitude neurótica frente ao perigo. Os neuróticos permanecem infantis em sua atitude relativa ao perigo, diz Freud, e não venceram as obsoletas causas determinantes da angústia. Desse modo, perigo, angústia e desamparo formam um nó enquanto elementos essenciais da fragilidade neurótica, observada por Freud ao

longo de sua trajetória com a escuta da miséria que representava o sofrimento neurótico.

O perigo, sinalizado pela angústia, impõe um desamparo irreparável que a vacilação neurótica, sob o testemunho de Freud, confirma de maneira indubitável. O neurótico, de forma exemplar, é o retrato do padecimento que a falta de garantias dessa vivência impõe. Entregue, com isso, aos mecanismos de defesa de toda ordem diante do ponto de inconsistência que o atormenta com o afeto da angústia, mas observemos, entretanto, que esse mesmo ponto faltoso é aquele que faz nascer o seu desejo. Investigando o perigo, Freud aborda o nascimento como modelo de estado de angústia. Ele situa, então, nessa abordagem, a emergência de um momento traumático como o objeto da angústia. Ele vai dizer:

O essencial no nascimento, assim como em toda situação de perigo, é que ele imprime à experiência mental um estado de excitação marcadamente intensa, que é sentida como desprazer e que não é possível dominar descarregando-a. Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio de prazer malogram, chamemo-lo de momento traumático. Então, se colocarmos numa série a ansiedade (angst) neurótica, a ansiedade (angst) realística e a situação de perigo, chegamos a essa proposição simples: o que é temido, o que é objeto da ansiedade (angst), é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio do prazer. (FREUD, 1976, 1932-33, p.117)

Freud segue argumentando que é a magnitude da soma de excitação que transforma uma impressão em um momento traumático, e dessa forma, paralisa a função do princípio de prazer e confere à situação de perigo sua importância. Uma consideração que leva em conta os limites do princípio de prazer em manter o equilíbrio do aparelho ante o montante energético traumático. Diante desse momento traumático, Freud vai pensar, na conferência, uma dupla origem da angústia, sendo a primeira consequência direta do momento traumático, e a outra, ele vai dizer, um sinal que ameaça com uma repetição de tal momento. A vinda ao

mundo, portanto, organiza com a linguagem uma distância do caos. A ameaça de dissolução, entretanto, permanece como perigo de um real traumático, “de uma forma irreduzível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal.” (LACAN, 2005, p.178)

A conferência XXXII, portanto, cumpre seu papel de vir consolidar em público, apesar de sua peculiar situação de não ter sido pronunciada, as aquisições que o tema da angústia reuniu até o momento. Um Freud já marcado pelo prenúncio da morte não pôde vir a público em função de uma cirurgia que realizara. É importante lembrar que a segunda metade da conferência destina-se ao exame da vida pulsional, como indica seu título, introduzindo uma complexidade na aproximação dos temas da angústia e da vida pulsional.

Tanto angústia quanto pulsão exigem uma abordagem não naturalista do corpo, necessitando de articulações teóricas não restritas à interpretação biológica dos eventos. Dessa forma, é preciso entender o percurso pulsional como não determinado pelo registro estritamente anatômico, lembremos a definição de pulsão que Freud enuncia, situando-a entre o somático e o psíquico. Dessa forma, portanto, se impõe ler a pulsão no registro da linguagem e do simbólico, como ordenadores do pensamento e do desejo. Além do mais, reunir angústia e pulsão, promove a reunião de um tema psicanalítico com outro de interesse mais universal, no nosso caso aproximando psicanálise e filosofia.

3 A ANGÚSTIA COMO AFETO EXISTENCIAL: PSICANÁLISE E FILOSOFIA

Este capítulo procura levar a angústia a um questionamento filosófico, entendendo esta disposição de humor como um afeto existencial. Tanto a psicanálise quanto a filosofia consideram essencial a questão do encontro do homem com a angústia, assim como seu atravessamento e a abertura de possibilidades de escolha a partir disso. Procuramos entre psicanálise e filosofia respeitar suas diferenças e promover as aproximações buscando acompanhar em Freud, e na releitura lacaniana, as questões com a filosofia. Assim, ora aproximando-se – quando seu trabalho necessita adquirir questionamento especulativo –, ora distanciando-se – na intenção de salvaguardar a psicanálise como campo distinto e inédito inventado por Freud. Dessa forma, procuramos situar dentro da temática da angústia a posição da ciência, da psicanálise e da filosofia. O segundo tópico do capítulo procura discutir o nada, reintroduzido pela filosofia e negado pela ciência, como aquilo que a angústia manifesta.

3.1 Ciência, Psicanálise e Filosofia no texto de 1926, Inibições, Sintomas e Angústia

O texto de 1926 torna-se um trabalho de fundamental importância em razão da importante virada que representa no estudo da angústia. Uma situação primordial de

perigo ganha muita ênfase nesse momento, como reprodução de uma experiência mítica. O que faz pensar uma angústia originária, anterior ao processo do recalque, remetendo a um perigo que, em última instância, evoca o desamparo fundamental. A angústia é uma reação a uma situação de perigo. Mas é trabalhando as neuroses, procurando ordenar os elementos clínicos de sua prática, que Freud insiste na importância da castração como elemento operatório essencial em sua articulação com o perigo. Após analisar as fobias, e em especial o caso Hans, ele vai fazer o seguinte comentário:

Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma *situação de perigo* cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade (angst). Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração. [...] A afirmação que acabo de fazer, no sentido de que o ego foi preparado para esperar a castração, tendo sofrido perdas de objeto constantemente repetidas, coloca a questão da ansiedade (angst) sob nova luz. Até aqui consideramo-la como um sinal afetivo de perigo; mas agora, visto que o perigo é tão amiúde o de castração, ele nos parece uma reação a uma perda, uma separação. (FREUD, 1976, 1926, pp.152-153)

A angústia, então, como um sinal afetivo de perigo remete a uma angústia mais originária, a vivências muito antigas, pré-individuais, a uma situação ancestral, a vivências traumáticas muito antigas. As situações de perigo reproduzem uma experiência mítica em que se articula a experiência de castração. Não é mais a libido transformada que gera a angústia exclusivamente, como excesso de estímulo ou uma excitação aumentada. O perigo não tem mais seu entendimento articulado aos aspectos econômicos, nesse momento a situação do nascimento assume relevância quando introduz uma importante ruptura, algo que assume o valor de trauma. A defesa de Rank, no que diz respeito ao trauma do nascimento, com toda a discordância de Freud que o debate encerra, tem o mérito de assinalar a situação traumática decorrente do nascimento.

O trauma que representa a entrada no mundo, que é irreparável, assume a radicalidade do que não pode ser corrigido por um processo de desenvolvimento. O perigo sendo, em última instância, o de castração, como aponta Freud, constitui-se como reação a uma perda, a uma separação. No entanto, a vivência de caráter traumático, que marca a radicalidade do evento, não se resume a uma experiência de separação, pois “o nascimento não é experimentado subjetivamente como uma separação da mãe, visto que o feto, sendo uma criatura completamente narcísica, está totalmente alheio à sua existência como um objeto.” (FREUD, 1976, 1926, p.154)

Freud, no texto de 1926, segue enunciando as interrogações mais fundamentais sobre a angústia, e nessa direção busca sua estrutura e sua origem, desdobrando a pergunta por sua função e como se reproduz. Na formulação de sua resposta, ele insiste em demarcar a importância do perigo, com a explicação de que a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete. No que se refere ao nascimento, a importância não recai essencialmente sobre a angústia de separação, mas o que se destaca é o estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) da criança, em que Freud situa uma angústia originária (*Urangst*).

Dessa forma originária decorre a explicação para toda forma de angústia, que nada mais seria que uma repetição dessa angústia originária. Ele situa o nascimento como uma “experiência prototípica” e sustenta a consideração dos estados de angústia como uma reprodução do trauma do nascimento. Assim, uma situação de perigo na raiz da angústia, onde se localiza uma angústia originária, configura-se como situação traumática, demarcada a partir do nascimento.

Sobre essa “experiência prototípica”, ou arquetípica, acompanhamos a importante leitura empreendida por Zeferino Rocha em sua investigação sobre a angústia. Em sua interlocução com Luís Cláudio Figueiredo, produz uma interpretação dessa experiência arquetípica levando em consideração o registro da temporalidade. Zeferino defende a ideia de que

uma das características das experiências arquetípicas é o fato de elas encontrarem seu verdadeiro sentido não no momento em que são vividas, mas *nachträglich*, isto é, “só depois”, nas repetições posteriores, repetições estas que acompanham a trajetória da vida humana e que revelam, ao mesmo tempo, o sentido da experiência primeira, constituindo-a como verdadeira experiência. (ROCHA, 2000, p. 110)

Zeferino vê, “no registro da temporalidade psíquica, a confirmação da extraordinária fecundidade do conceito freudiano da *Nachträglichkeit*. Portanto, é ‘só depois’ (*nachträglich*), isto é, nas repetições posteriores, que a experiência da angústia originária adquire o sentido de uma experiência verdadeira.” (Idem)

O autor reproduz o texto de Luiz Cláudio Figueiredo, muito ilustrativo dessa temporalidade freudiana:

Neste sentido, “a primeira vez” da vivência de angústia, e todas as posteriores, seriam “repetições” da situação dita “arquetípica”, mas, só na “repetição”, o “passado” – o do indivíduo ou da espécie – se constituiria como experiência, ou seja, apenas na posterioridade de um Eu constituído, se constituiria a “origem arquetípica” de uma experiência que, de alguma forma, não podia ter sido vivida antes, mas que, devemos necessariamente admiti-lo, havia deixado traços que funcionam como um apelo de sentido, como um apelo ao suplemento de sentido que “só depois” se constituiria como experiência vivida. (FIGUEIREDO *apud* ROCHA, 2000. p.111)

O texto de 1926, **Inibições, Sintomas e Angústia**, encaminhando toda a questão do nascimento e do desamparo, também procura circunscrever o real do trauma, a situação “arquetípica”, que só adquire sentido numa temporalidade *a posteriore*. A castração, elemento central da doutrina freudiana, vem conferir sentido à experiência traumática obedecendo a essa temporalidade. A castração opera dentro da rede de sentidos que representa o mito do Édipo, em que se joga o drama do

sujeito com o real traumático, irreduzível. A castração ressignifica as perdas e angústias anteriores como angústia de castração.

A situação de nascimento e o desamparo representam um perigo, sublinhado por Freud no texto com destaque, e a angústia se liga à separação. A separação do próximo, que vem em socorro do recém-nascido, como primeiro socorro diante dessa irrupção da vida, é algo “ligado à profunda perturbação da emergência da vida, com tudo o que nela há de excesso, insuficiência, ameaça, perda e descontinuidade.” (MOTTA, 2005, p.58)

O desamparo configura, dessa forma, a presença de um Outro que aporta o alimento ao organismo imaturo, mas ao trazer o objeto natural da fome insere o sujeito na ordem da linguagem demarcando uma falta jamais redutível a qualquer cuidado. É essa dimensão traumática de falta incontornável que Freud, no texto de 1926, enuncia, dizendo que

o ser adulto não oferece qualquer proteção absoluta contra um retorno da situação de ansiedade (angst) traumática original. Todo indivíduo tem, com toda probabilidade, um limite além do qual seu aparelho mental falha em sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas. (FREUD, 1976, 1926, p.172)

Depoimento claro do resto irreduzível que o humano suporta. Como ser de linguagem recebe o amparo por pertencer à comunidade de sua língua, mas, por outro lado, pelo exercício da fala, sofre o desamparo que a linguagem cobra no processo de humanização.

Jacques Lacan, no resgate do texto freudiano empreendido no projeto de releitura, retoma a noção de desamparo assinalando, em última instância, a vida psíquica como um fato de linguagem. Com isso, evidentemente, levando-se em conta a “incapacidade do homem de se mover, *a fortiori* de bastar a si mesmo, durante um período após seu nascimento, [que] garante a base de uma psicologia da

dependência, como haveria ela de elidir o fato de que essa dependência é mantida por um universo de linguagem”. (LACAN, 1998, p.826). Nessa perspectiva, consagra-se o vínculo necessário entre a dependência e a linguagem. A noção de desamparo em Lacan reveste-se de importância porque considera a função primordial da imagem do outro como *Gestalt*, que antecipa para a criança imatura a experiência de corpo integrado.

O “estádio do espelho” é uma experiência que demonstra a formação da função do eu, sendo essa alienação na imagem do outro o fundamento da constituição imaginária do eu. Em função da imaturidade neurológica, não há uma experiência de corpo unificado. Essa função de imagem é conferida pela imagem e olhar do outro. O corpo disperso ganha unidade com uma antecipação ortopédica conferida pelo outro semelhante. Lacan adverte, entretanto, que o “estádio do espelho” não se reduz a uma experiência exclusiva do registro imaginário. A imagem ganha estabilidade a partir da confirmação simbólica conferida pelo adulto desde o lugar de alteridade que ocupa nessa dinâmica. A imagem se estabiliza para o imaturo a partir da sanção simbólica conferida pelo adulto falante, constituindo uma matriz simbólica na qual o eu se precipita. Como diz Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhes restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p.97)

O que buscamos evidenciar, obviamente, é a presença da linguagem como elemento constituinte fundamental do humano, já presente em Freud, de forma menos manifesta, mas evidente e central na releitura lacaniana. Iniciativa que soube se instrumentar na linguística, no estruturalismo, na filosofia e na ciência, fazendo

emergir do texto freudiano seus significantes mais fundamentais. Mas, seguindo os desdobramentos da situação de desamparo, no mesmo lance de constituir-se como ser de linguagem, o *infans* padece da falta que a mesma introduz. Para além da figura do semelhante, o outro que temos diante de nós, situa-se um Outro como lugar que marca, numa relação de exterioridade, a determinação simbólica do sujeito. “O discurso do Outro é o sistema de convenções significantes que compõem a mítica do inconsciente e que marca o indivíduo prefigurando sua localização desde o nascimento. É um sistema parental e simbólico que determina a posição do sujeito.” (VALLEJO E MAGALHÃES, 1981, p.105)

O desamparo também representa a situação originária de impotência diante desse Outro – no caso a mãe, que aporta a linguagem e as convenções significantes – ao qual a criança se encontra em uma relação de total dependência. Lacan postula um estado de abandono diante do desejo desconhecido desse Outro, enunciando uma formulação que vai indicar “a relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (LACAN, 2005, p.14). Desde a “experiência de satisfação” em Freud, no **Projeto** de 1895, até o desamparo lido por Lacan, na abordagem do “estádio do espelho”, a inserção do sujeito na linguagem, confrontado ao desejo do Outro, é solidária do trauma irreparável que a angústia assinala.

Acompanhamos com Freud o quanto a angústia a partir de 1926, em **Inibições, Sintomas e Angústia**, articula elementos que estão além do princípio do prazer, elementos irreduzíveis à representação, como a repetição, a pulsão de morte, o trauma, sendo a angústia essencialmente ligada a esse ponto traumático. O desamparo assinala, por sua vez, a constituição do sujeito marcada por uma alteridade de caráter traumático. Freud busca circunscrever esse ponto que se caracteriza por

um excesso, afluxo do caos, que só pode ser sentido como sem-sentido. Exterior ao plano do universo, ele só se materializa aí como vazio, ou falta. Apenas em algumas circunstâncias especiais, como na angústia, este caos real assumirá uma posição positivada. Mesmo assim, continua claro o quanto sua essência se vincula à dispersão das formas semânticas constituídas. A angústia é medo de nada, por ser o ponto de encontro entre o caos e o vazio.(VIEIRA, 2001, p.66)

Freud certamente não tematizou o nada, mas a leitura atenta de seu texto, atribuída à releitura realizada por Lacan, permitiu o avanço, não só na abordagem desse ponto sem-sentido, como de toda doutrina freudiana.

Freud não avançou no tema filosófico do nada, entretanto, a ponte entre Freud e Heidegger, no que diz respeito ao tema da angústia, se constrói pela leitura lacaniana, que, garimpando os significantes freudianos no trabalho metódico, abriu, a partir justamente dessa leitura articulada, um debate fecundo com os filósofos. Sobre a angústia, em seu seminário, Lacan cita Hegel, Kierkegaard, Sartre, Heidegger¹, convocando os filósofos eleitos como interlocutores privilegiados na discussão da angústia. Sobre o tema do nada, entretanto, o psicanalista se apoia em Heidegger buscando a discussão com a filosofia no propósito de ampliar a potência subversiva dos significantes freudianos.

Jacques Lacan em um de seus escritos (LACAN, 2003, p. 451), nomeia sua relação com Heidegger em termos de fraternidade, uma fraternidade de dizer com uma filosofia capaz de salvar sua Honra, acenando com a expectativa de, com Heidegger, portanto, exercer uma possível aproximação. Lacan, nessa perspectiva, não toma Heidegger como um filósofo, na acepção tradicional do termo, em seu uso corrente na história da filosofia. Heidegger representa uma posição diferente nesse

¹ LACAN, 2005, lições de 14 de novembro de 1962, p. 11; e 21 de novembro do mesmo ano, p.25

percurso, marcando, de certa forma, uma exceção no campo da filosofia, um pensar distinto daquele de toda tradição metafísica.

Em sua conferência **O fim da Filosofia e a tarefa do pensamento**, de 1966, Heidegger questiona-se sobre que tarefa estaria ainda reservada para o pensamento no fim da filosofia. Ele vai dizer que “a idéia de uma tal tarefa do pensamento deve desconsertar. Um pensamento que não pode ser nem metafísica nem ciência?” (HEIDEGGER, 1979, p.73). O pensador interroga uma posição exterior à ciência e à filosofia, propondo um pensamento do qual a filosofia não se encontra à altura. Podemos, de certa forma, dizer que a fraternidade entre o pensador e o psicanalista se dá por intervenções que guardam alguma proximidade. O pensador, com sua intervenção, acusou na história da metafísica um erro praticado a partir do esquecimento do ser com a culminação da metafísica na ciência. Foi preciso retornar aos gregos para proceder à crítica desse esquecimento.

Lacan, o psicanalista, por sua vez, aponta o esquecimento de Freud operado por uma leitura que primava por se distanciar daquilo que no texto freudiano emergia, amortecendo os efeitos que a postulação do inconsciente produziu a partir do texto freudiano. A releitura empreendida por Lacan, nesse sentido, busca sustentar um dizer para aquilo que fora relegado ao esquecimento. Em nome da fraternidade proposta, Lacan recorreu a Heidegger em momentos importantes e essenciais na elaboração de noções fundamentais no seu trabalho de releitura de Freud. Retomamos nesse ponto uma leitura lacaniana que encontra ressonância em Heidegger e que interessa diretamente ao tema da angústia. Nos aportes recolhidos por Lacan, Heidegger já menciona o nada, que entra em consideração diretamente no tema da angústia, como dissemos, e que é retomado quando o filósofo entra francamente no estudo da angústia. Lacan vai tomar o real como nada, demarcando

essa região que resiste a qualquer determinação, apontada por Freud e valorizada por ele no esforço de delimitar o registro do real.

Referimo-nos ao seu comentário no seminário **A Ética da psicanálise**, dos anos de 1959-60, quando Lacan fala da função do oleiro como talvez a mais primitiva função artística e que o vaso está aí desde sempre e que foi empregado para fazer-nos conceber. Parabolicamente, analogicamente, metaforicamente, ele nos diz os mistérios da criação. A partir dessa questão, Lacan solicita Heidegger dizendo:

Para verem confirmada a apropriação do vaso a esse emprego, refiram-se ao que Heidegger, o último que meditou sobre o assunto da criação, nos apresenta quando se trata para ele de falar-nos de *das Ding* – é em torno de um vaso que ele nos desenvolve sua dialética. (LACAN, 1988, p.151)

O psicanalista remete o assunto aos **Ensaio e Conferências** (1954) onde Heidegger apresenta o artigo sobre **A Coisa**. No artigo, Heidegger fala da função do oleiro, que molda a jarra com a argila escolhida da terra e preparada para a moldagem. Ele vai dizer que: “A pro-dução faz a jarra subsistir em si. Tomando, assim, a jarra, como um receptáculo produzido, nós a tomamos, na verdade, como uma coisa, e não como simples objeto, ao menos é o que parece” (HEIDEGGER, 2002, p.145). O pensador trabalha a distinção essencial entre uma coisa e um simples objeto procurando delinear e se apropriar da noção de coisa, postulando a jarra não apenas como o objeto de uma mera representação, mas como um “objeto, que uma pro-dução pro-duz e a-duz, pondo defronte de nós.” (HEIDEGGER, 2002, p.145)

A objetividade e representação do objeto não levam ao “modo próprio de ser coisa da coisa, a coisalidade”, assinala o autor buscando demarcar o que é a coisa em si mesma. A jarra como coisa propriamente dita não se deixa tomar na perspectiva do perfil, da ideia. Assim é que, adverte Heidegger, filósofos desde Platão, Aristóteles e

todos os pensadores posteriores, por pensarem a vigência do vigente apenas pelo perfil de seu ser, não pensaram a vigência essencial da coisa. Na sequência, ele vai enunciar a jarra como receptáculo:

É que toda apresentação de um vigente, como pro-duto e/ou como objeto, nunca chega até a coisa, como coisa. O ser coisa da jarra está em ser ela um receptáculo, Enchendo a jarra, percebemos logo o recipiente do receptáculo. [...] O vazio é o recipiente do receptáculo. O vazio, o nada na jarra, é que faz a jarra ser um receptáculo, que recebe. [...] O ser coisa do receptáculo não reside, de forma alguma, na matéria, de que consta, mas no vazio, que recebe. (HEIDEGGER, 2002, pp.146-147)

Para falar de *das Ding*, da coisa, é em torno do vaso que Heidegger vai desdobrar sua dialética. Lacan, por sua vez, mantém vivo interesse nessa mesma dialética quando se debruça sobre os insondáveis mistérios da criação na função artística do oleiro fabricando o vaso. É em torno do vaso e das elaborações de Heidegger sobre o tema que Lacan investiga a coisa freudiana em sua situação central quanto à constituição da realidade do sujeito. O termo *das Ding*, que traduz a coisa freudiana, é recolhido no **Projeto** de 1895 e elaborado por Lacan no recurso ao texto de Heidegger mostrando ser o vazio, o nada na jarra, a evidência de que toda criação é criação *ex nihilo*, é criação do nada, a partir do nada.

Dessa forma, Lacan fala do real (4) como nada. Ele vai dizer:

Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como um nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo. (LACAN, 1988, p.153)

Lacan, portanto, nomeia o vazio no centro do real que se chama a coisa (*das Ding*). Ele diz que esse vazio apresenta-se como um nada (*nihil*), claro que inteiramente apoiado no ensaio heideggeriano, do qual deriva sua leitura que busca estabelecer uma identidade entre a modelagem do significante e a introdução no real de um furo.

A noção de significante em Lacan vem conferir precisão à importância que assume a linguagem na descoberta freudiana do inconsciente. Aos seres falantes que somos, marcados por essa “outra cena” que é o inconsciente, a linguagem mantém uma relação de exterioridade.

Inaugura-se, com a psicanálise, uma nova relação entre o corpo e a linguagem. O trabalho freudiano com as histéricas, desde a clínica de Charcot no início de seu percurso, indica o caminho inédito que deve ser trilhado na explicitação dessa relação que, tanto a biologia, quanto a psicologia não conseguem articular. A relação entre a palavra e o corpo engendra elementos de natureza simbólica que Freud caracterizou como inconsciente. Freud, na prática com seus neuróticos – no início tentando criar condições para a emergência da palavra, com resquícios ainda presentes da hipnose –, cada vez mais franqueou a fala dos seus pacientes, assumindo cada vez mais a posição de escuta, deixando falar e liberando o discurso.

Dessa forma, a linguagem muda de caráter à medida que é enunciada por aqueles a quem Freud escuta. Na fala viva daquele que relata seu sofrimento, o que se mostram são fenômenos como lapsos, esquecimentos, repetições presentes no ato de falar, mostrando uma linguagem em seu aspecto distinto do ideal de linguagem enquanto veículo de comunicação. O que se mostra é uma linguagem marcada pelo tropeço e pela equivocação, e não uma linguagem enquanto faculdade, com valor de instrumento útil como elemento expressivo. Os fenômenos, portanto, advindos da disposição corrente da fala mostram uma linguagem que guarda uma relação direta com isso que Freud descobre da relação inédita do corpo com a palavra.

É na histeria que Freud encontra o corpo afetado pela palavra, quando o sintoma se demonstra no trajeto de uma anatomia imaginária, contrariando a lesão anatômica

de ordem funcional no trajeto nervoso. A linguagem, enquanto promove a desnaturalização do corpo, marca-o como simbólico, separando-o radicalmente do objeto natural de sua satisfação no plano da necessidade. Em sua releitura de Freud, Lacan vem acentuar o quanto a psicanálise representa a prática da palavra, lembrando que é na fala que o inconsciente encontra sua articulação essencial. Partindo do estruturalismo e da linguística de Saussure, Lacan estabelece a primazia do significante contra a anterioridade do significado vigente na proposição do signo saussuriano.

O significante é, portanto, anterior ao significado e produz efeitos de significação, não constituindo uma totalidade nem nutrindo a pretensão de alcançar uma verdade definitiva. Percebemos a presença do significante nos tropeços da fala recolhidos por Freud nos fenômenos que anunciavam a presença do inconsciente. Mas, do destaque conferido ao significante por Lacan, é de fundamental importância assinalar que os significantes se estruturam em torno de uma falta, evocando o vazio do vaso na construção artesanal do oleiro e não a presença de um ser. Nesse sentido podemos afirmar que:

O significante é considerado furado pela sua impossibilidade de se completar. O que o garante como significante é o fato de ele pertencer a um conjunto, mas o conjunto não dá a nenhum significante o estatuto de ser pleno e completo. O funcionamento do significante na teoria lacaniana se faz em torno do vazio que coloca o movimento de repetição como tentativa, sempre fracassada, de suturar essa falta de significado e esse furo. (WINE, 1992, p. 68)

O significante indica, dessa forma, a presença do vazio e do furo, mostrando em sua lógica que toda criação é sempre uma criação a partir do nada, é uma criação *ex nihilo*. Há um irreduzível do real ao significante, um nada a ser considerado, a ser incluído enquanto produz efeitos, sendo a angústia o efeito que nos interessa ressaltar. O desamparo freudiano desdobra inteiramente o drama da humanização

em sua relação essencial com a linguagem. Na conjunção do verbo com a carne, há um padecimento que o significante impõe por ser o nada incluso e não redutível por completo ao verbo, ao significante.

Angústia e desamparo referem-se, dessa forma, à um tempo mítico e a um trauma solidários da entrada no mundo, onde o humano é amparado pela linguagem que lhe confere abrigo e humanização, conforme a experiência de satisfação em Freud e o estágio do espelho em Lacan, que buscam dar uma estrutura racional a esse momento de desamparo, evidenciando o suporte da linguagem enquanto recurso contra o caos original. Freud assinala, no texto de 1926, a importância do perigo na motivação da angústia. O perigo sempre presente de desorganização do mundo estabilizado pelo recurso da linguagem. Ao mesmo tempo, entretanto, que a linguagem recobre de sentido o mundo que se organiza, atualiza o furo e anuncia o nada a ser considerado. Postura antagônica à denegação que a ciência impõe ao nada. Para a ciência, o real se reduz inteiramente ao significante sem que dessa operação haja um resto.

Freud denuncia na filosofia sua pretensão globalizante com aspiração a um saber absoluto, um campo que formula uma concepção de mundo, erigindo uma *Weltanschauung*. Contra essa concepção da filosofia, Freud pretende situar-se no interior da ciência, reivindicando para a psicanálise o estatuto de ciência, como um corpo de saber em condições de submeter-se a uma metodologia rigorosa. Construída, substancialmente, na experiência com os fenômenos físicos e naturais, que viria subscrever a psicanálise no ambiente científico. Na divisão, muito presente na sua época, entre ciências da natureza e ciências do espírito, Freud inscreve a psicanálise como uma *Naturwissenschaft*: uma ciência da natureza.

Sobre a pergunta, hoje problemática e pouco assertiva, do pertencimento da psicanálise à ciência, Freud tem uma resposta positiva, inteiramente favorável a esse pertencimento. O que é necessário interrogar diz respeito ao ideal de ciência ou a ciência ideal no horizonte Freudiano, algo a ser alcançado como acréscimo de conhecimento ao longo do trabalho metódico que a ciência exige. Lacan, em seu projeto de releitura do texto freudiano, visa à estrutura da ciência moderna, procurando outro ponto de análise que se distancie da ciência como ideal, e dentro dessa estrutura procura entender como se situa a psicanálise.

A angústia, como experiência imediata possível a cada um de nós, sem que necessite ser ensinada, nos diz Freud em suas preleções, introduz a evasão dos fundamentos, a falta de referências, a dissolução das certezas e dos significados do mundo. A vacilação e o enigma sinalizados pela angústia situam o ponto vazio de determinações em que os objetos do mundo perdem sua utilidade, ou seja, não servem para nada, o mundo ordenado pelo sentido e pela presença dos objetos úteis não é garantia de estabilidade. Esse nada, que se positiva na conjunção do verbo com a carne, no real irreduzível ao significante, indica uma operação que deixa resto assinalando um sofrimento, um padecimento que a humanização pela linguagem impõe.

3.2 A Angústia e o Nada

Aqui se apresenta um tema em Heidegger do qual Lacan se aproxima em nome dessa fraternidade de discurso que ele reivindica com o filósofo. O nada, que a ciência rejeita, na medida em que a ciência trabalha com o significante contável – qual seja, todo saber recobre o real, sem que dessa operação haja resto –, entra em consideração direta no tema da angústia. Jacques-Alain Miller, sobre isso, em rica abordagem ao seminário sobre a angústia de Lacan, esclarece que: “Esse ponto de vista, que procede de uma espécie de positivismo implica que o real seja reduzido a esse saber e que com isso se evapore nesse saber” (MILLER, 2005, p.14). Para esse positivismo, segundo Miller, a angústia é uma perturbação que faz obstáculo ao acesso ao real, adiantando que no seminário de Lacan a angústia é, pelo contrário, via de acesso ao real.

Dessa forma, seguindo a via de acesso ao real, a modelagem do vaso como modelagem do significante na criação *ex nihilo*, na criação a partir do nada, permite a Lacan apontar na modelagem do significante uma operação que introduz no real um furo. Para Lacan, esse real, esse nada ou essa coisa, extraída do texto freudiano, indica um padecimento, um sofrimento que a angústia sinaliza para aquele que se humaniza na linguagem, submetido a um desamparo, que longe de ser contingente, mantém uma relação estrutural com o falante.

Sobre esta questão, no que diz respeito ao nada e à angústia, é importante destacar a compreensão do nada empreendida por Heidegger, o que nos permite entender

como para o filósofo revela-se o nada. Uma revelação que indica a presença da disposição afetiva da angústia, pois “Aquilo com que a angústia se angustia é o ‘nada’ que não se revela ‘em parte alguma’” (HEIDEGGER, 1997, p. 250). Vemos, portanto, que o nada em Heidegger demanda uma investigação que procura desvencilhar-se da sua compreensão enquanto negação, posição assumida por uma filosofia do começo do século, assim como se diferencia do nada grego e do nada da tradição cristã. O nada não pode ser abordado por um conhecimento, não se configura, no caso, uma região de saber em que a representação tem sua função assegurada. A via de acesso ao nada se apresenta, portanto, como uma via distinta daquela pavimentada pelo conhecimento e pela representação, típica da posição da ciência enquanto toma o ente pelo viés do objeto de conhecimento. Heidegger, então, argumenta:

Mas, por que nos preocupamos com este nada? O nada é justamente rejeitado pela ciência e abandonado como o elemento nadificante. E quando, assim, abandonamos o nada, não o admitimos precisamente então? Mas podemos nós falar de que admitimos algo, se nada admitimos? Talvez já se perca tal insegurança da linguagem numa vazia querela de palavras. Contra isto deve agora a ciência afirmar novamente sua seriedade e sobriedade: ela se ocupa unicamente do ente. O nada – que outra coisa poderá ser para a ciência que horror e fantasmagoria? Se a ciência tem razão, então uma coisa é indiscutível: a ciência nada quer saber do nada. Esta é, afinal, a rigorosa concepção científica do nada. Dele sabemos, enquanto dele, do nada, nada queremos saber. (HEIDEGGER, 1979, p. 36)

O tema da metafísica destaca-se como central nas considerações de Heidegger, sendo através dele, pelo empreendimento da crítica da metafísica, que visa a recolocar de forma mais apropriada a questão do ser. “Tendo em vista que a metafísica, porém, é a peça doutrinária central de toda a filosofia, tratá-la em seus elementos fundamentais requer a mediação sucinta do conteúdo principal da filosofia” (HEIDEGGER, 2003, p. 01). Com isso, procura resgatar a diferença ontológica, questão que se perdeu para a metafísica enquanto modo de constituição da tradição filosófica do pensamento ocidental. O que ele caracterizou como retorno

ao fundamento da metafísica é o movimento que leva ao questionamento da metafísica, promovendo a superação da condição que determina e orienta todo pensamento ocidental.

Heidegger busca promover um movimento de desconstrução do que vinha sendo sustentado pela tradição filosófica visando à questão fundamental do sentido do ser.

Dessa forma:

O propósito do pensamento de Heidegger é, através do questionamento da constituição ontoteológica da metafísica, recolocar a questão do ser no horizonte da diferença ontológica, reconduzindo a sua compreensão a uma experiência de um pensamento mais originário, como o próprio modo de ser da essência do homem. (PESSOA, 2009, p. 19)

O tema da angústia encontra-se diretamente ligado à investigação e questionamento da metafísica. A pergunta essencial pela questão do ser se apresenta no horizonte da diferença ontológica, exigindo um pensamento mais originário. O ser não pode ser tomado como ente, na negação da diferença ontológica. Não se aborda e compreende o ser como um ente, ao modo do pensamento científico, organizado sob a vigência das noções de causa e efeito e sujeito e objeto, em que o ser se apresenta como fundamento do ente de acordo com a metafísica clássica.

A angústia promove uma abertura originária, enquanto disposição fundamental de humor, na qual se dá a melhor compreensão do ser, pois “a compreensão do ser ocorre nas experiências das disposições fundamentais de nosso modo de ser: na angústia, no tédio, no júbilo da alma” (PESSOA, 2009, p. 19). Heidegger observa que as possibilidades de abertura do conhecimento são restritas se comparadas com a abertura originária dos humores, assinalando em **Ser e Tempo** que:

No estado de humor, a pré-sença já sempre se abriu numa sintonia com o humor como o ente a cuja responsabilidade a pré-sença se entregou em seu ser e que, existindo, ela tem de ser. Aberto não significa conhecido como tal. (HEIDEGGER, 1997, p.189)

As possibilidades maiores da disposição de humor, sobrepondo-se ao conhecimento na compreensão do ser, como abertura privilegiada de nossa existência, assinala a importância daquilo que afeta, que se impõe de forma distinta ao que se apresenta como conhecimento, que nos toma no registro do estado de humor, na variação de fases que o afeto nos impõe como bom e como mau humor. A realidade, que poderia fazer-nos supor sua elucidação ou entendimento pelas vias do conhecimento, desde Aristóteles, sempre aparece em uma disposição de humor. Heidegger, nesse sentido, vai postular que “não se atenta para o fato de que a interpretação ontológica fundamental dos afetos, desde Aristóteles, não conseguiu dar nenhum passo significativo.” (HEIDEGGER, 1997, p. 193)

Em Heidegger, portanto, os afetos se constituem como fundamento da realidade, passando as disposições a constituir-se como princípio ontológico desde Aristóteles, quando estabelece a primazia do humor na realidade. A angústia, enquanto disposição fundamental da existência, promove uma abertura privilegiada para o sentido do ser, sendo uma disposição fundamental porque encaminha a verdade, retira a presença (Dasein) (5) do impessoal cotidiano restituindo-lhe propriedade. Na angústia, a familiaridade se desvanece, a presença (Dasein) experimenta o vazio, o sentido que impregna o cotidiano de todos os entes vacila e o estranho não familiar se insinua como presença inquietante.

Esse vácuo de sentido situa a presença (Dasein) em meio ao nada e esse deparar-se com o nada abre o ser para a presença (Dasein). O nada surge na experiência fundamental da angústia na medida da vacilação do sentido dos entes configurado pelo mundo familiar. “Aquilo com que a angústia se angustia é o ‘nada’ que não se revela ‘em parte alguma’. Fenomenalmente, a impertinência do nada e do em parte

alguma intramundanos significa que *a angústia se angustia com o mundo como tal.*” (HEIDEGGER, 1997, p.250)

A angústia se angustia com o mundo *como tal*, ou seja, a angústia descortina o mundo *como tal*, o mundo surge a partir da angústia, mas surge *como tal*, na medida em que os entes perdem sua significação de mundo familiar e reconhecido e a insignificância do cotidiano impessoal faz emergir o mundo *como tal*. Dessa forma, na emergência do mundo pelo vazio de significação dos entes, o nada surge como aquilo que não se revela “em parte alguma”, e que na vigência da insignificância do intramundano, se anuncia na experiência fundamental da angústia.

O nada remete, portanto, ao que é mais originário, ao mundo *como tal*, logo pertence à própria constituição existencial da presença (Dasein) como ser-no-mundo. O ser-no-mundo indica o comum pertencimento, homem e mundo se constituindo ao mesmo tempo, estabelecendo um nexos original no acontecimento existencial da presença. A relação entre homem e mundo é primeira, é a própria estrutura do real. O real se estrutura antes de sujeito e objeto, se estrutura numa interpretação, e essa interpretação se constitui no próprio modo de ser da linguagem, não como faculdade, mas como o que constitui a relação.

Enquanto o que se teme é sempre algo dentro do mundo, na angústia, como afirma Heidegger, o que está em jogo, o que angustia, não está em parte alguma, é o mundo enquanto estrutura originária, o mundo *como tal*, sem o abrigo do impessoal cotidiano, da familiaridade, do sentimento de estar em casa. A angústia nos restitui à dimensão terrena da existência, longe dos céus e distante das altitudes divinas. Como diz Heráclito ²: “a morada do homem não tem controle [...]”, não há como

² Heráclito, fragmento 78, tradução de E. Carneiro Leão

antecipá-la emprestando-lhe toda propriedade celeste, senão que deve ser construída como ofício permanente do homem assumindo seu destino, pois se a angústia o desampara, por outro lado lhe devolve o próprio sentido que orientará suas decisões.

Como assinala Heidegger no parágrafo 40 de **Ser e Tempo**: “a angústia se angustia com o mundo como tal”, anunciando a presença da angústia no “mundo como tal”, onde a existência não se encontra realizada, está sempre em jogo, por se fazer, como tarefa, como cuidado. A angústia vem sinalizar a precariedade e contingência radicais do mundo, onde se encontra jogada a existência, sem a presença de um ente intramundano que venha dar consistência de reconhecimento e amparo ao existente no mundo. Ao contrário, a angústia sinaliza ou traduz não semelhança e familiaridade, mas o sentimento de estranheza e inquietação.

O nada se situa fora das possibilidades de representação por não se apresentar como um objeto determinado. Não é um ente determinado e situado na configuração do mundo. Somente objetos determinados podem ser representados e, dessa forma, oferecer acesso ao conhecimento. São as disposições afetivas, e não o conhecimento, que se constituem na via de acesso à experiência do nada, e dentre estas disposições a angústia assume um lugar privilegiado. Na conferência **Que é Metafísica?** (1929), Heidegger se dedica a pensar a angústia como aquilo que manifesta o nada. No *Desenvolvimento de uma Interrogação Metafísica*, primeira parte da preleção de 1929, ele discute o que é o nada para a ciência. O nada que as ciências reduzem a nada, pelo fato de que não se problematiza como objeto a ser estudado pela ciência, passível de transformação em alguma coisa, algum objeto de interesse da ciência que possa ser investigado dentro dos procedimentos positivos do campo científico. Ele postula, então, que:

... a ciência se caracteriza pelo fato de dar, de um modo que lhe é próprio, expressa e unicamente, à própria coisa a primeira e última palavra. Em tão objetiva maneira de perguntar, determinar e fundar o ente, se realiza uma submissão peculiarmente limitada ao próprio ente, para que este realmente se manifeste. (HEIDEGGER, 1979, p. 36)

A ciência se interessa pela coisa, pelo ente, pelo objeto existente, que pode ser passível de procedimento objetivo como postura natural diante das coisas. Em todo caso, Heidegger vai dizer que “se a ciência tem razão, então uma coisa é indiscutível: a ciência nada quer saber do nada” (HEIDEGGER, 1979, p. 36). Com este questionamento, o pensador vai situar o problema do nada dentro de uma postura transcendental. O nada é mais originário, abrindo para um âmbito transcendental, exigindo, pela disposição afetiva da angústia, abertura para uma existência mais autêntica, para o sentido do ser em geral, para o existente singular que resolve ser para suas próprias possibilidades enquanto transcende a preocupação mundana, do impessoal cotidiano. Por isso,

o estar suspenso do ser-aí no nada originado pela angústia escondida transforma o homem no lugar-tenente do nada. Tão finitos somos nós que precisamente não somos capazes de nos colocarmos originariamente diante do nada por decisão e vontade próprias. Tão insondavelmente a finitização escava as raízes do ser-aí que a mais genuína e profunda finitude escapa à nossa liberdade. (HEIDEGGER, 1979, p. 42)

Heidegger enuncia a incapacidade de que somos tomados para nos colocarmos originariamente diante do nada por decisão, encaminhando assim a angústia como disposição fundamental, como abertura privilegiada da presença (Dasein). A angústia é disposição fundamental porque encaminha a verdade, retira a presença (Dasein) da decadência restituindo-lhe propriedade. O modo existencial básico da abertura originária de mundo é um caráter essencial da disposição. A angústia, nesse sentido, assinala a responsabilidade ante uma existência mais originária, promovida a abertura pela disposição fundamental que nos situa diante do nada. Situação existencial que a mundanidade do manual não alcança, posto que “a

observação teórica sempre reduziu o mundo à uniformidade do que é simplesmente dado; dentro dessa uniformidade, sem dúvida subsiste encoberta uma nova riqueza de determinações, passíveis de descoberta.” (HEIDEGGER, 1997, p.192)

A passagem citada põe em evidência o tema do encobrimento, que por sua vez atualiza a importante questão do primado da tendência para o encobrimento, onde as coisas tendem ao disfarce e ao encobrimento, recuperando a dinâmica explicitada por Heidegger com o velamento e desvelamento da verdade na pulsação temporal, revelando a compreensão manifesta por ele com o modo de ver e entender a fenomenologia. Com a angústia, abre-se o horizonte de compreensão e essa compreensão permite uma abertura temporal que leva ao estabelecimento de uma configuração de mundo para além do impessoal. A angústia constitui-se, dessa forma, a disposição afetiva estrutural da existência que promove essa abertura, restituindo propriedade e, diante da finitude, no vigor da experiência de estranhamento, recupera possibilidade e liberdade. O que Heidegger postula é a restituição de propriedade da presença (Dasein) na vigência da angústia. Diante da fragilidade da existência, das experiências de separação, de perdas, de finitude, da falta de garantias, que assinalam a carência extrema do existente, no ápice da vivência de estranhamento há um esforço, uma tentativa de dominar de alguma forma o desamparo e a morte.

Recortamos um trecho em Fernando Pessoa, sobre a angústia no pensamento de Heidegger, em que ele vai dizer:

Podemos então concluir que Heidegger pensa a angústia como uma disposição privilegiada tanto no sentido ontológico, como via de acesso para uma compreensão do ser, quanto no sentido existencial, por restituir a propriedade de nosso modo de ser. Antes de serem “dois” sentidos, o ontológico e o existencial compõem o novo horizonte de pensamento proposto por Heidegger: como o ser não é um ente, precisamos compreendê-lo em uma experiência originária de nossa própria existência – a angústia –, que, ao contrário dos tradicionais conceitos e juízos

metafísicos, promove uma efetiva transformação existencial. (MURTA; PESSOA, 2011. pp. 24 - 25).

A angústia é, portanto, como experiência original de nossa existência, segundo a abordagem conferida por Heidegger, sinal da situação de desamparo que a humanização promove enquanto processo inteiramente permeado pela linguagem. O ser de linguagem se humaniza enquanto se encontra de forma traumática com a linguagem que lhe antecede, segundo Freud lido por Lacan. A humanização é solidária do fato de que o sujeito se constitui como ser de linguagem junto ao Outro. Essa instância, representada pela mãe que dispensa os cuidados, é configurada por um campo simbólico que antecede a existência do sujeito e não se confunde com o outro semelhante. O Outro, situado na linguagem, e que, constituindo um campo simbólico ao fornecer o suporte da necessidade à criança desamparada, trazendo o aporte de alimentos – papel da mãe –, transmite a falta.

Para a psicanálise, a angústia é sinal da negatividade que Freud vem inscrever no psiquismo através da operação da castração; isso se “colocamos na linha de frente a perda requerida pela linguagem e a negatividade que esta introduz” (LEBRUN, 2008, p. 37), posto que toda angústia é, em última instância, angústia de castração. A castração é operação de humanização na medida em que vem ressignificar todas as experiências traumáticas originárias e todas as perdas e separações. A mãe, portanto, representante desse grande Outro, ao oferecer o alimento, transmite a falta na medida em que falha nos cuidados por um lado e se inscreve na negatividade que a linguagem impõe por outro, mostrando a marca de sua própria castração, essencial na transmissão do desejo. A castração freudiana, ao engajar o sujeito na via do desejo, é também abertura de possibilidades na medida em que a angústia seja atravessada em direção a uma posição desejante.

Portanto, terminamos o capítulo, sublinhando a positivação do nada recuperada por Heidegger, o nada que a ciência rejeita, como analisamos no decorrer das considerações que fizemos, mas que entra em consideração como aquilo que se mostra mais originário que o ente e que, por não se confundir com o negativo, se abre como possibilidade, desfazendo a realidade comum, banal, para abrir-se à possibilidade de poder ser.

Na psicanálise, a partir do legado freudiano, a possibilidade de poder ser passa pela castração que atualiza o ponto traumático circunscrito por Freud no sujeito marcado pela linguagem. Angústia e desamparo demonstram a fragilidade da semelhança e da familiaridade como ordenadores do mundo, encobridoras que são de uma realidade que insiste em se mostrar estranha a qualquer pretensão de reconhecimento.

CONCLUSÃO

Concluimos esse percurso na expectativa de ter conseguido encaminhar satisfatoriamente as questões mais importantes que nossa intervenção propôs trabalhar. Sobre o texto de 1926, **Inibições, Sintomas e Angústia**, escrito fundamental da trajetória freudiana, investigamos a noção de angústia acompanhada de outra noção que ganha relevo no presente texto, constituindo-se como noção fundamental na elaboração da segunda teoria da angústia em Freud. Trata-se do desamparo, que Freud situa, após trabalhar a noção no texto de 1926, como uma causa mais fundamental da angústia do que a demanda pulsional.

Procuramos mostrar o quanto angústia e desamparo são noções solidárias das etapas de humanização que a criança vivencia em seu encontro com a linguagem. Longe de ser um fato contingente a ser recoberto pelo processo de desenvolvimento, o desamparo representa uma definitiva falta de garantias que marca o psiquismo com a inconsistência e a evasão de fundamentos sinalizados pela angústia.

Em Freud, vimos as primeiras formulações da angústia enquanto derivada de um princípio econômico, ou seja, a libido represada dando origem à angústia, e o recalque situando-se como evento anterior e causa da angústia. A segunda teoria postula uma angústia inicial que sinaliza no aparelho psíquico o perigo diante do qual se erige o recalque. O desamparo, no texto de 1926, assume o lugar de causa da angústia enquanto experiência que guarda definitivamente um resíduo de

inconsistência como marca da entrada no mundo a partir da humanização pela linguagem.

A releitura de Lacan sobre o texto freudiano nos permite falar desse ponto do irrepresentável da pulsão, em que a operação do significante no real deixa resto, no qual o encontro do verbo com o corpo resulta no padecimento, em que o nada é manifestado, em última instância, pela angústia. Em nome da fraternidade de discurso, filosofia e psicanálise aproximam-se no tratamento dispensado ao nada, positivando-o como o que é manifestado pela angústia e conferindo a este afeto o sinal de uma fratura irremediável do homem. Enquanto sujeito, como quer a psicanálise, e como existente como quer a filosofia.

Procuramos recuperar a angústia como afeto próprio do humano, como afeto estruturante da existência, que envia o indivíduo a sua singularidade, e que, restituindo propriedade, o solicita, no recurso da linguagem, a dizer do padecimento que é suportar a sua humanidade. Diante do reconhecimento do real irrepresentável, que acossa o sujeito premido pela força constante da pulsão freudiana, o afeto da angústia interessa diretamente o sujeito por não se constituir enquanto corpo estranho, ou como um transtorno no desenvolvimento do organismo, passível de retificação e tratamento.

O que propõe a psicanálise, enquanto prática clínica que pode gerar expectativa, não é a cura da angústia através dos recursos de uma racionalidade instrumental que a ciência oferece, senão sua ultrapassagem, seu atravessamento em direção a uma posição desejante. Por meio da figura expressiva do pânico, enquanto expressão da angústia no contemporâneo, de forma contundente se impõe a interrogação absolutamente essencial sobre o desvelamento desse fenômeno

originário. Desse modo, investigar as condições de se dar um tratamento diferente daquele emprestado pela ciência e pela técnica a isso que se apresenta como essencial do ser.

Nossa resposta se encaminha no sentido de afirmar o sofrimento intransferível do sujeito. A angústia é um afeto do sujeito, ou seja, aí reside um sujeito – implicado em seu sofrimento – solicitado a responder, na sua singularidade, com um saber formulado a partir de sua relação com a linguagem, enquanto sujeito afetado pela palavra e implicado em um dizer. A pertinência da psicanálise nessa questão inscreve-se enquanto fronteira de resistência aos procedimentos pragmáticos e operatórios da razão instrumental, não aceitando de forma alguma a não implicação do sujeito em seu próprio sofrimento. Portanto, “C’est contre cet organo-dynamisme, modernisé ou non, que Lacan voulut maintenir la ‘causalité psychique’ du sujet, coupée de celle de l’organisme.” (LAURENT, 1988, pág. 8) (6)

Nesse propósito, qual seja, de tomar a angústia como essencial do humano, é que recorreremos a Freud, evitando o reducionismo de sua leitura pela via do transtorno, que indica um afeto accidental a ser corrigido em favor de um pretenso desenvolvimento votado a um ideal de maturidade. Concordamos com ele quando, no legado de sua investigação, transmite um modo de sustentação da angústia na experiência; vale dizer, uma sustentação que recomenda sua presença enquanto afeto fundamental do sujeito. Ela já se encontra antes, não se insere enquanto fenômeno acessório suscetível de tratamento e cura. Dessa forma, Freud adverte quanto a uma suposta pedagogia da angústia. Ele não poderia, essencialmente, nada ensinar sobre a angústia posto que todo homem já, de alguma forma, experimentou suportá-la.

Seguimos com Freud o trabalho de sustentação da angústia, desde o seu registro no corpo, ligado a um fator econômico, até as últimas abordagens que inclui a noção de desamparo, tema explorado na primeira parte da dissertação, como dimensão afetiva constitutiva do sujeito a ser suportada na existência. Freud, no momento de reformulação de sua teoria, postulou uma *Urangst*, uma angústia originária ligada ao desamparo, que ele introduz no cenário em que se desenrola o processo de humanização, mostrando claramente toda limitação e finitude que se impõe a partir desse ponto incontornável. Ele vai dizer nas reviravoltas de sua pesquisa “que o resultado surpreendente foi o oposto daquilo que esperávamos. Não era a repressão que criava a ansiedade (*angst*); a ansiedade (*angst*) já existia antes;” (FREUD, 1976, 1932-33, p.108)

Portanto, assim vemos, é definitivo o passo freudiano de situar a angústia como um afeto primeiro, necessário no horizonte do sujeito enquanto marca sua constituição com uma falta que se inscreve no psiquismo e que se atualiza nas experiências de castração. O que queremos evidenciar é a presença dessa angústia que “já existia antes”, como *Urangst*, a angústia originária que Freud demarca em suas pesquisas. Dessa forma, a angústia longe de ser contingente, como secundária aos processos de estruturação do sujeito, vem inscrever-se como anterioridade originária que organiza a estrutura do psiquismo. Zeferino Rocha destaca o termo *Urangst* do texto freudiano com o seguinte comentário:

... a angústia originária (*Urangst*) do desamparo, que pode ser considerada como um modelo arquetípico (*Vorbild*) de todas as formas de angústia que marcam a trajetória da vida do ser humano. A angústia originária do desamparo, por sua vez, está intimamente relacionada com a angústia de castração. (ROCHA, 2000, p. 102)

No contexto apresentado por Zeferino, destaca-se o desamparo como vivência fundamental na compreensão da angústia originária. Estamos, portanto, longe das

contingências da sexualidade na primeira teoria freudiana da angústia, na qual os impasses da vida sexual explicavam a presença do afeto como resultado da libido represada. Com a concepção da angústia presente no início, que sustenta a segunda teoria, e que tem sua elaboração mais fecunda em 1926 no trabalho **Inibições, Sintomas e Angústia**, o desamparo, enquanto falta de garantias definitivas, e acusando uma falta incontornável na subjetividade, oferece o quadro necessário à afirmação dessa angústia originária (*Urangst*).

Ainda sobre a questão do tratamento da angústia, segundo Miller, em sua leitura do seminário lacaniano,

não podemos verdadeiramente dizer que a angústia seja considerada como uma perturbação, como uma disfunção. E não me parece ter encontrado nesse seminário a indicação de que a angústia da qual se trata, digamos, a angústia lacaniana – e para se chegar a ela o autor procede a uma enorme desobstrução das formas múltiplas da angústia e das ocasiões de seu aparecimento – não me parece ter encontrado nesse seminário a indicação de que seja questão, propriamente falando, de curá-la. Trata-se quando muito de atravessá-la. (MILLER, 2005, p. 8)

Segundo Miller, lembrando a orientação do seminário, nada obriga a esse que fala a curar a angústia, a desangustiar, como diz. Observa ainda que isso não está na ordem do dia nesse seminário e que a doutrina do tratamento aparece nesse seminário de uma maneira que permanece lateral. Não existe, portanto, uma preocupação essencial com o tratamento da angústia na leitura Lacaniana do texto freudiano. Desangustiar, segundo o neologismo apropriado de Miller, não está em questão no que diz respeito à abordagem da angústia. A abordagem proposta por Lacan, ao contrário, não visa à supressão da angústia pelo tratamento, mas observemos que no início do seminário ele se preocupa com sua presença.

Nos primeiros movimentos de sua preleção, ele interroga a presença da angústia na análise. Como mediar a presença desse afeto, a que distância situá-lo, como

modular sua intensidade na cena analítica, pois sua presença mostra-se essencial, sem a qual a fala torna-se banal, destituída do afeto correlato que empresta ao discurso veracidade e autenticidade. O cenário analítico, portanto, conta com a presença da angústia como via de acesso facilitadora da apropriação pelo sujeito de um discurso singular, que contempla a história de suas marcas enquanto sujeito humanizado na linguagem. Desangustiar e tratar no sentido da supressão da angústia estão, portanto, inteiramente fora do propósito que a psicanálise destina a esse afeto.

A angústia, nesse sentido, é uma presença incômoda no mundo ordenado pelas relações de semelhança que se sustentam no imaginário da miragem especular. O mundo se organiza com os objetos comuns, intercambiáveis, numa configuração de partilha e compreensão que estabilizam as relações marcadas essencialmente pela familiaridade e pelo reconhecimento. Freud, com a introdução do *Unheimlich*, do estranho, mostra o limite do imaginário do espelho, introduzindo a indesejada presença do não reconhecido na figura inquietante e híbrida do estranho-familiar. Lacan extrai todas as consequências da descoberta freudiana ao criar um objeto não partilhável e traduzido subjetivamente pela angústia.

Em Freud, uma angústia real (*Realangst*) é formulada quando ele procura demarcar a diferença entre um perigo externo conhecido na realidade e um perigo interno referido à angústia neurótica. O perigo externo assinalado por uma angústia real na primeira teoria perde em importância para as motivações pulsionais, internas, na geração da angústia. Na segunda teoria, entretanto, Freud eleva a importância do perigo externo sobre as motivações internas. A mudança ganha importância porque amplia as possibilidades de interpretação da angústia real (*Realangst*) ultrapassando a compreensão de um simples perigo externo na realidade. Ele vai dizer:

De imediato, os senhores me entenderão, quando eu descrever essa espécie de ansiedade (angst) como ansiedade (angst) “realística”, em contraste com a ansiedade (angst) “neurótica”. A ansiedade (angst) realística atrai nossa atenção como algo muito racional e inteligível. Podemos dizer que ela é uma reação à percepção de um perigo externo – isto é, de um dano que é esperado e previsto. (FREUD, 1976, 1916-17, p. 459)

Segundo Zeferino Rocha, esse ponto adquire grande repercussão na problemática da angústia, ele considera que essa angústia real, quando articulada a angústia originária (*Urangst*), passa a ser vista como *uma realidade originária e estruturante* situando-se, com isso, na ordem do fundamento. O autor argumenta que o Real da *Realangst* aponta na direção de um *fundamento* que em Freud é um *gewachsener Fels* (rochedo de base), que não pode ser reduzido, segundo ele, simplesmente a uma realidade empírica do mundo exterior. Zeferino defende a hipótese de que o impacto desse *rochedo de base* provoca a confrontação do ser humano com o enigma do seu vazio, da sua finitude e da sua incompletude; em última instância, de seu desamparo, segundo o autor (ROCHA, 2010, p. 64). Ainda sobre esse tema, o autor discorre:

Nesse novo contexto metapsicológico, a *Realangst* é mais do que *uma angústia diante de um perigo real* – ela torna-se a *angústia do Real*. Pois bem, foi precisamente para melhor aprofundar o sentido deste *Real* da *Realangst* que meu diálogo com Heidegger sobre a angústia me foi muito proveitoso e de muita valia. Não que ele tenha discutido esse conceito freudiano, mas o que ele diz sobre a *angústia*, como *via de acesso ao Nada* e como *elemento estruturante da existência*, ressoa de modo a abrir novas perspectivas de inteligibilidade para o conceito da *Realangst* freudiana. (Idem)

A angústia real ou “realística”, de acordo com a tradução corrente no trecho citado, extraída do texto freudiano com novas possibilidades de interpretação, nos remete de imediato ao que enunciou Heidegger discorrendo sobre a uniformidade do mundo promovida por uma redução realizada pela observação técnica sobre o mundo. Retomamos, dessa forma, um trecho do autor já lembrado anteriormente no correr

da dissertação, muito conveniente para fazer repercutir a angústia real freudiana com a expansão da compreensão que esse termo suscita. Ele diz, então, que “dentro desta uniformidade, sem dúvida subsiste encoberta uma nova riqueza de determinações, passíveis de descoberta.” (HEIDEGGER, 1997, p. 192)

O que nos parece interessante ressaltar é essa “riqueza de determinações, passíveis de descoberta” que a angústia real ganha na virada freudiana da teoria da angústia. Inflexão que no trabalho de releitura lacaniana merece uma distinção essencial entre a realidade e o real, diferença que não é trabalhada por Freud e que em Lacan se desdobra com o destaque do registro do real. Angústia e desamparo, portanto, no texto de 1926, **Inibições, Sintomas e Angústia**, motivo de nossa intervenção, como noções articuladas permitem localizar um trauma que remete a um tempo mítico e que acusa uma inconsistência no horizonte do sujeito. A doutrina multiplica os termos: o real, a coisa, o nada, tentando nomear o hiato irreduzível com o qual se depara o ser falante.

Assim, como dissemos no início de nossa conclusão, esperamos ter encerrado nosso projeto encaminhando satisfatoriamente as questões que nossa intervenção propôs trabalhar. Buscamos mostrar a concepção da angústia em Freud, sua mudança de direção, o enriquecimento temático com a evolução de outras noções na construção da metapsicologia, mas, sobretudo, sua associação com o desamparo que revela a fragilidade da existência humana. A releitura lacaniana nos ensina o rigor na abordagem do autor fundamental que foi Freud, emprestando a isso que foi descoberto pelo criador da psicanálise a força e a virulência de um pensamento inédito na história das ideias. No diálogo com a filosofia, tomamos Heidegger que postula o afeto da angústia como disposição fundamental da

existência. Terminamos apostando na fraternidade de discurso, termo que fizemos repercutir em alguns momentos da dissertação, entre filosofia e psicanálise.

NOTAS

- (1) O termo freudiano “angst” foi traduzido por “ansiedade”, na Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, baseada na edição inglesa. Zeferino Rocha observa que: “O próprio James Strachey, tradutor oficial de Freud e organizador da *Standard Edition*, lamenta ter recorrido ao termo *Anxiety*, pois só muito remotamente o seu sentido corrente tem conexão com qualquer um dos usos do termo alemão *Angst*. Ele justificou sua opção por causa da tradição psiquiátrica inglesa, que, desde o século XIX, vinha consolidando o termo *Anxiety*” (ROCHA, 2000, p.32). O autor ainda comenta que o termo *Angst* pode ser traduzido por angústia, medo, ansiedade, pânico, dependendo do contexto. No decorrer da dissertação, quando ocorre a palavra “ansiedade” assinalamos entre parênteses o termo alemão.

- (2) Ao longo da dissertação, usamos tanto o termo EGO quanto o termo EU de acordo com a tradução usada nos textos a que nos referimos. Luiz Hans traduz o escrito “Das Ich und das Es” por “O Eu e o Id”, elegendo o termo EU em preferência a EGO. Ele diz que Freud em vez de utilizar o termo latino como *das Ego* utilizou o pronome *ich* (eu), de uso corrente e de entendimento imediato, e o substantivou em *das Ich*. O autor comenta ainda que: “Contrariando o estilo de Freud, adotou-se, na tradução inglesa, o termo ‘ego’, visando a mimetizar a linguagem médica e dar um *status* mais técnico e prestígio científico à linguagem psicanalítica no ambiente inglês, política que aliás em muito desagradava a Freud.” (HANS, 2007, p.23)

- (3) O **PROJETO** (1895) representa um modelo explicativo do qual Freud lança mão procurando explicação para os eventos psíquicos. Não pretende com isso explicar o aparelho psíquico em bases anatômicas, recusando a anatomia e neurologia de sua época. Garcia-Roza vai dizer que “essa neurologia e a anatomia que ele nos apresenta são fantásticas. O *Projeto* não é um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 80). O neurônio é o suporte material do aparelho psíquico que funciona como unidade separada. Freud vai diferenciar os neurônios em *phi*, *psi* e *omega*, que constituem, na verdade, sistemas de neurônios. O *Projeto* apresenta uma teoria do funcionamento psíquico seguindo uma abordagem quantitativa, sendo o aparelho psíquico capaz de transmitir e transformar uma determinada energia. As quantidades circulam pelos neurônios que procuram livrar-se das cargas e também conservar as vias de escoamento que possibilitam o afastamento das fontes de excitação. O sistema neurônico procura sustentar essa quantidade num nível mais baixo possível procurando manter constante essa quantidade e para isso precisa criar mecanismos de proteção contra o aumento dessa mesma quantidade.

- (4) O real em psicanálise, distinguindo-se da ciência e da filosofia, “não é objeto de definição, mas de evocação. Aparece no discurso enquanto comanda o desconhecimento. Sempre ‘fora de jogo’ no ato psicanalítico, ‘fora de jogo’ especular do imaginário, o real tem a ver com a falta-a-ser, com a ruptura fundamental, com a operação significante e o desejo. O real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem” (VALLEJO & MAGALHÃES, 1981, p.116). Portanto, o real se apresenta como algo irreduzível à simbolização, constituindo-se como lugar que não pode ser nomeado, e dessa forma se constituindo também como lugar da angústia. Em Lacan, o real se configura como um registro, formando com o imaginário e o simbólico a nodulação borromeana na estrutura do sujeito.
- (5) Dasein – Presença. Márcia de Sá Cavalcante, tradutora da edição brasileira de **Ser e Tempo**, acrescenta nota elucidativa sobre sua opção por “Presença” para traduzir o alemão Dasein. Ela diz que: “Presença não é sinônimo de existência e nem de homem. A palavra DASEIN é comumente traduzida por existência. Em SER E TEMPO, traduz-se, em geral para as línguas neolatinas pela expressão ‘ser-aí’, être-lá, esser-ci etc.” (CAVALCANTE apud HEIDEGGER, 1997, p. 309). A tradutora apresenta os motivos de sua opção. O primeiro, para que não se fique aprisionado no binômio metafísico essência-existência. O segundo diz respeito à superação do imobilismo de uma localização estática que o “ser-aí” poderia sugerir. O terceiro motivo seria evitar um desvio de interpretação que o “ex” de “existência” suscitaria caso permaneça no sentido metafísico de exteriorização, atualização, realização, objetivação e operacionalização de uma essência. O “ex” firma uma exterioridade, mas interior e exterior fundam-se na estruturação da pre-sença e não o contrário. O quarto motivo é que pre-sença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. (CAVALCANTE apud HEIDEGGER, 1997, p. 309)
- (6) Propomos uma tradução livre da significativa frase de Eric Laurent no artigo citado nas referências desta dissertação. Dessa forma, traduzimos: “É contra esse organo-dinamismo, modernizado ou não, que Lacan quis manter a ‘causalidade psíquica’ do sujeito cortada/separada daquela do organismo.”

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. **Freud: A filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

BESSET, Vera Lopes (org.). **Angústia**. São Paulo: Escuta, 2002.

COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. **Pânico e Desamparo**. São Paulo: Escuta, 2008.

FREUD, Sigmund. **Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos**. (1886-99) Rio de Janeiro: Imago, 1977. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I.

_____. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. (1893-99) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. III.

_____. **A Interpretação dos Sonhos** (Parte II) e **Sobre os Sonhos**. (1900-01) Rio de Janeiro: Imago, 1972. ESB vol. V.

_____. **A Psicopatologia da Vida Cotidiana**. (1901) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. VI.

_____. **Um Caso de Histeria e Três Ensaios sobre Sexualidade**. (1905) Rio de Janeiro: Imago, 1972. ESB vol. VII.

_____. **Dois Histórias Clínicas** (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”). (1909) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. X.

_____. **A História do Movimento Psicanalítico e Artigos Sobre Metapsicologia** (1914-18) Rio de Janeiro: Imago, 1974. ESB vol. XIV.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise** (Parte III). (1916-17) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. XVI.

_____. **Além do Princípio de Prazer e Psicologia de Grupo**. (1920-22) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. XVIII.

_____. **Um Estudo Autobiográfico**; Inibições, Sintomas e Ansiedade e A Questão da Análise Leiga. (1925-26) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. XX.

_____. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. (1932-33) Rio de Janeiro: Imago, 1976. ESB vol. XXII.

_____. **Moisés e o Monoteísmo e Esboço de Psicanálise**. (1937-39) Rio de Janeiro: Imago, 1975. ESB vol. XXIII.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Volume I. Pulsões e Destinos da Pulsão e O Recalque. (1915) Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Volume II. O Inconsciente e Além do Princípio de Prazer. (1915 e 1920) Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Volume III. O Eu e o Id. (1923) Rio de Janeiro: Imago, 2007.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana** (vol. 1). Sobre as Afasias e O Projeto de 1895. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

HANNS, Luiz. **A Teoria Pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. (Parte I) Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

_____. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**: Mundo. Finitude. Solidão. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O Seminário**, livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **Le Séminaire**, livre VII. L'éthique de la psychanalyse. Paris: Éditions Du Seuil, 1986.

_____. **O Seminário**, livro 10. A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Le Séminaire**, livre X. L'angoisse. Paris: Éditions Du Seuil, 2004.

_____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACÔTE-DESTRIBATS, Chritiane. **O Inconsciente**. Uma exposição pra compreender, um ensaio para refletir. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2007.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. Santos, Brasil: Martins Fontes, 1979.

LAURENT, Eric. **Mélancolie**, douler d'exister, lâcheté morale. Ornicar? Revue Du Champ Freudien. Paris: Navarin, 1988.

LEBRUN, Jean-Pierre. **A Perversão Comum**. Viver juntos sem Outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MILLER, Jacques-Alain. **A propósito de los afectos en la experiencia analítica**. Matemas II. Argentina: Ediciones Manancial, 1988.

_____. **Introdução à Leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan**. Opção Lacaniana 43. São Paulo: Edições Eolia, 2005.

MOTTA, Carlos Fernando. “Considerações sobre o ‘Além do Princípio do Prazer’ na segunda teoria freudiana sobre a angústia”. In HANNA, Maria Sílvia e SOUZA, Neuza Santos (org.). **O Objeto da Angústia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

MURTA, Claudia e PESSOA, Fernando. **Angústia em Filosofia e Psicanálise**. Vitória : GSA. UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância. 2011.

PESSOA, Fernando. **Metafísica e Humanismo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2009.

ROCHA, Zeferino. **Os Destinos da Angústia na Psicanálise Freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **Freud entre Apolo e Dionísio**. Recortes filosóficos, ressonâncias psicanalíticas. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão e Linguagem**. Esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

STEIN, Ernildo. **Seis Estudos sobre “SER E TEMPO”**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Sobre a Verdade**. Lições Preliminares ao Parágrafo 44 de Ser e Tempo. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2006.

SILVEIRA, Marli. **O Pêndulo da Angústia**. Santa Cruz do Sul-RS: EDUNISC, 2003.

VALLEJO, Américo & MAGALHÃES, Lígia C. **Lacan: Operadores da Leitura**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

VIEIRA, Marcus André. **A Ética da Paixão**. Uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WINE, Noga. **Pulsão e Inconsciente**. A sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.